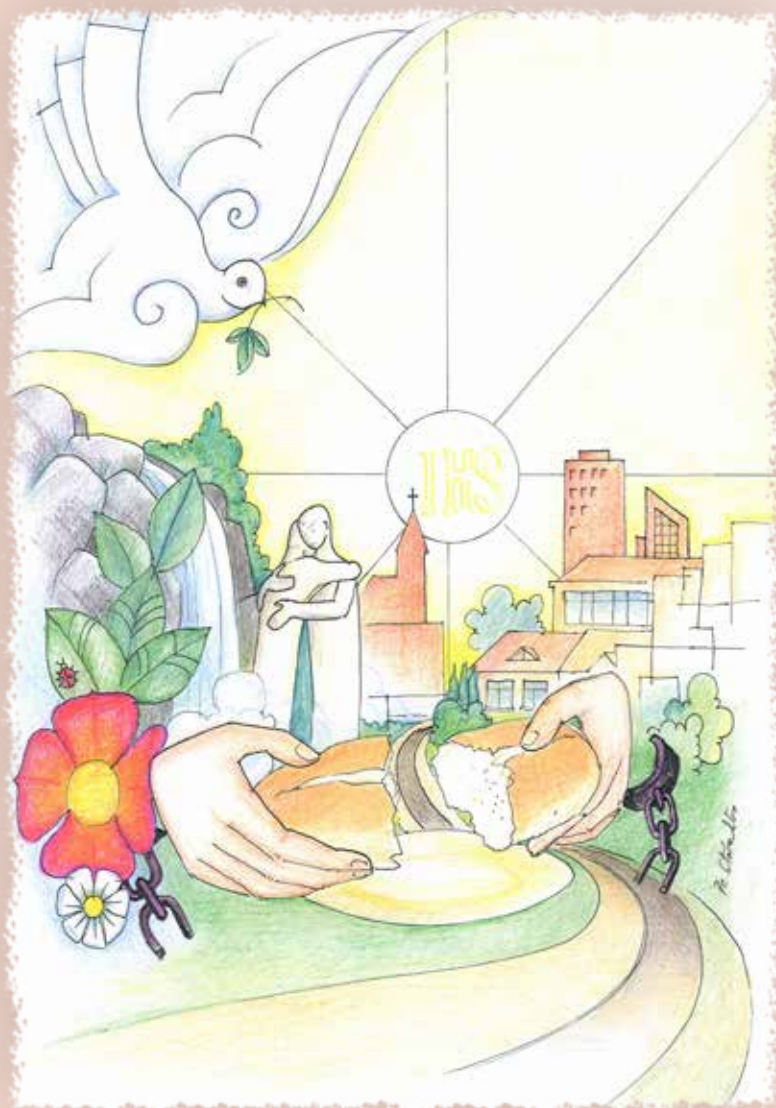


Fé, Arte e Literatura



03

Teologia e literatura
(afinidades e segredos
compartilhados)

Maria Clara Bingemer

09

As questões teológicas
presentes na “Compadecida”,
da obra de Ariano Suassuna

Jonas Nogueira da Costa, ofm

15

O mistério e o cotidiano
na poesia de Adélia Prado

Mônica Baptista Campos

23

Patativa do Assaré: uma
voz poética e profética do
Brasil profundo

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

33

Roteiros homiléticos

Pe. Johan Konings, sj

Espírito Santo

sopro vivo de Deus em nós



A força dos pequenos Teologia do Espírito Santo

Antonio Manzatto, J. Décio Passos,
José Flávio Monnerat

128 págs

Neste livro, as reflexões expressam os dramas da vida do povo, que continua clamando pela "força que vem do alto", o Espírito Santo.



O Espírito Santo em nossa vida

Salvador Carrilo Alday

160 págs

Este livro fala do dinamismo da vida espiritual, do chamado à santidade que é impulsionado pelo Espírito Santo; traz princípios fundamentais da espiritualidade carismática cristã.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



[pauluseditoraoficial](https://www.facebook.com/pauluseditoraoficial)



[editorapaulus](https://twitter.com/editorapaulus)



[paulus.com.br](https://www.instagram.com/paulus.com.br)



PAULUS

Caros leitores e leitoras,

Graça e paz!

A realidade transcendente: Deus, a fé e a espiritualidade são da ordem do inefável. Possuem atributos de beleza que não podem ser expressos meramente por palavras humanas; não podem ser esgotados em conceitos, tratados e falas. São fenômenos que não conseguimos abarcar; antes, somos abarcados por eles. Por isso, na busca de melhor expressar essas realidades, os humanos têm recorrido às mais diversas formas de arte: a retórica, o texto poético, as artes plásticas, a música, a arquitetura... Temos, na história da Igreja, grandes exemplos de quanto se fez com muita eficácia para falar de Deus com expressão artística, criatividade e inspiração.

Teologia, espiritualidade e arte têm um parentesco ancestral. Decorrem da inspiração. Sob o impulso da inspiração divina, diz-nos Maria Clara Bingemer em seu artigo, os profetas disseram de modo humano as palavras divinas, e os hagiógrafos escreveram o que Deus desejava. O mesmo Espírito move poetas e artistas a expressar, de forma bela, o que veem e sentem.

A arte e a literatura refletem a vida humana e estimulam a sensibilidade para as diversas vivências dos seres humanos. Também na teologia, a humanidade é uma das dimensões centrais. A teologia é um desvelar da vontade divina para os humanos. A revelação de Deus ilumina e esclarece seus caminhos.

Quando, a partir do século XVI, houve uma separação entre teologia e espiritualidade, a teologia perdeu capacidade de expressar-se de forma bela e atraente, tendendo mais a ser explicativa, dedutiva, puramente doutrinal. Viu diminuída sua capacidade de expressar o inefável. Na sociedade contemporânea, essa forma de discurso parece atrair e comunicar-se ainda menos, bem como se mostra inadequada para responder às demandas de sentido do ser humano atual.

Em meio ao tecnicismo exagerado do mundo de hoje, quando se fala da “morte de Deus” e também da “morte do humano” ou do “pós-humano”, as pessoas estão sedentas de experiência do inefável, de vivência da espiritualidade, de contemplação da beleza divina e daquilo que supera a aridez do dia a dia. Percebemos, em plena era da técnica, da informática e da razão instrumental, a volta do encantamento pelo mistério e a busca do transcendente.

Na atualidade, a teologia redescobre o valor da espiritualidade na reflexão teológica. Igualmente, crescem os estudos interdisciplinares de teologia, literatura e arte, de forma que se possibilite à teologia e à Igreja expressar-se de formas novas que despertem a atenção das pessoas de hoje, que as envolvam e as ajudem a transfigurar sua realidade pela Revelação divina. Mesmo nas coisas mais simples do cotidiano, a arte e a percepção inspirada podem revelar o transcendente presente na vida, como Mônica Baptista Campos discute em seu artigo sobre a experiência da poeta católica e mística Adélia Prado.

Também na pastoral, cresce a consciência de que, expressando a Revelação divina e as realidades da fé de forma mais artística e elaborada, pode-se atrair, cativar, envolver mais e ajudar as pessoas a elevar-se espiritualmente. Com um pouco de arte, seja nas falas, nos textos, nos espaços celebrativos etc., conseguimos nos comunicar melhor e facilitamos a experiência do Sagrado. Parafraseando a Instrução Geral do Missal Romano (n. 253), nossas formas de expressar Deus devem ser dignas e belas, porque são símbolo das coisas divinas. Podemos encontrar, para isso, inspiração nos artistas, na arte e na literatura.

Pe. Jakson Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Zulmiro Caon, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Manoel Quinta, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin
Capa Pe. Otávio Ferreira Antunes
Ilustrações internas Luiz Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 1809-2071
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Av. 7 de Setembro, 80
Rel. de S. Pedro
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluiz@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Teologia e literatura (afinidades e segredos compartilhados)

Maria Clara Bingemer*

*Há uma afinidade
constitutiva e uma
irmandade ancestral entre
teologia e literatura. Graças
à espiritualidade, ambas
decorrem da inspiração.
Atraindo-se como dois polos
relacionais, ambas as
disciplinas fazem o ser
humano mais humano e a
vida mais bela e digna de
ser vivida.*

Parábola

É muito difícil esconder o amor
A poesia sopra onde quer
O poeta no meio da revolução
Para, aponta uma mulher branca
E diz alguma coisa sobre o Grande enigma
Os sábios sonham
Que estão mudando Deus de lugar.
(Murilo Mendes)

*O vento sopra onde quer; você ouve o barulho,
mas não sabe de onde vem nem para onde
vai. Assim é com todo aquele que nasceu do
Espírito (Jo 3,8).*

Atrevo-me a escrever este texto sobre teologia e literatura com tremor e temor, mas com amor. Conhecedora razoável e amante ardente de literatura e poesia, crente com firmeza que a espiritualidade e a teologia têm parentesco próximo com o espírito que inspira os poetas e os escritores, começo tentando situar os termos.

*Graduada em Comunicação Social pela PUC-Rio, onde também cursou mestrado em Teologia. Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Autora de diversos livros, entre os quais *Um rosto para Deus* (Paulus). Publicou também pela Paulus a série de DVDs *Místicos Contemporâneos*. E-mail: agape@puc-rio.br



Literatura. O que é a literatura e qual é a melhor maneira de defini-la? A resposta não é óbvia, em absoluto, porquanto o termo pode ser usado em muitos sentidos diferentes. Pode significar qualquer coisa escrita em verso ou em prosa. Pode significar unicamente aquelas obras que se revestem de certo mérito. Ou pode referir-se à mera verborragia: “Tudo o mais é literatura”. Para os nossos propósitos, será preferível começar por defini-la de um modo tão amplo e neutro quanto possível, simplesmente como uma arte verbal; isto é, a literatura pertence, tradicionalmente, ao domínio das artes, em contraste com as ciências ou o conhecimento prático. Seu meio de expressão é a palavra, em contraste com os sinais visuais da pintura e da escultura ou com os sons musicais.

Poesia vem do grego *poësis*, que significa “ação de fazer algo”. Poesia, portanto, é práxis, apesar de ser a mais gratuita das práxis. Entre as suas inúmeras definições, o Aurélio e o Houaiss nos fornecem uma que interessa de perto a nossa temática: entusiasmo criador, inspiração.

Espiritualidade vem de espírito, definido como a parte incorpórea, inteligente ou sensível do ser humano; o pensamento; a mente. *Espiritual* seria então o incorpóreo, o imaterial, sintonizado com o mistério, o místico, o sobrenatural.

Teologia, por sua vez, vem do grego *theología*, “ciência dos deuses”. Pode ser o estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade – de seus atributos e relações com o mundo e com os seres humanos – e à verdade religiosa. Em segundo lugar, pode significar igualmente o estudo racional dos textos sagrados, dos dogmas e das tradições do cristianismo. Pode ser ainda um tratado ou compêndio sobre as verdades da fé; ou o conjunto de conhecimentos relativos aos dogmas de fé ou que têm implicações com o pensar teológico, ministrados em cursos ou nas respectivas faculdades. A teolo-

gia é linguagem segunda, posterior a duas outras: a da revelação e a da fé. Sistematiza duas palavras a ela anteriores: a que Deus mesmo falou, rompendo seu silêncio eterno, e a que o ser humano fala, respondendo à Palavra de Deus, pronunciada no meio da história, rompendo o silêncio do tempo e do espaço.

1. Teologia e espiritualidade: separação e união

A separação entre teologia e espiritualidade tem sua origem no divórcio ocorrido a partir do século XVI, de consequências nefastas tanto para a espiritualidade, que se viu reduzida em consistência e vigor, como para a teologia, que perdeu em movimento, beleza e flexibilidade, tornando-se um corpo doutrinal puramente explicativo e dedutivo (SOBRINO, 1985, p. 60). Uma teologia, enfim, que poderia pensar e falar sistematicamente sobre Deus, mas talvez, pelo menos em muitos casos, não deixava que Deus mesmo falasse.

O momento atual redescobre, no interior da reflexão teológica, o direito de cidadania da espiritualidade cristã, a qual não é simplesmente vulgarização teológica, mas fonte rica e consistente de ensinamento novo e irrepetível, so pro do Espírito na história, que permite à teologia de hoje dizer novas palavras (VON BALTHASAR, 1974, p. 142).

Em virtude disso, a teologia pode dialogar com a literatura e a poesia e descobrir com ambas uma irmandade ancestral, pois, graças à espiritualidade, ambas decorrem da inspiração.

2. Afinidades interdisciplinares entre teologia e literatura

Acreditamos que há uma afinidade constitutiva entre teologia e literatura. Por isso, passa-

**“Acreditamos que
há uma afinidade
constitutiva
entre teologia e
literatura.”**



mos, em seguida, a levantar alguns elementos que, a nosso ver, podem construir elementos de ligação e afinidade entre teologia e literatura.

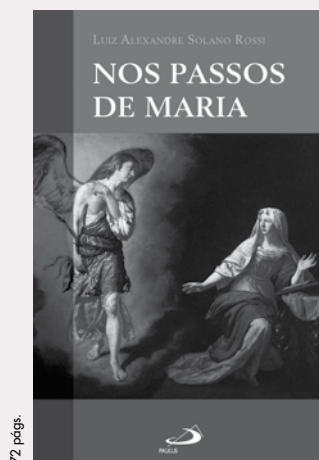
- *A inspiração*: na origem tanto da literatura quanto da teologia está o fenômeno da inspiração. Da *inspiração*, nos dizem a fisiologia e a Bíblia que tem a ver com o ar em nossos pulmões. Esse ar, sem o qual não se vive, diz a Bíblia que é como o próprio Espírito de Deus, o qual leva e traz a vida, sem se saber de onde vem nem para onde vai (cf. Jo 3,1ss). Sob a força da inspiração, os profetas disseram com boca humana as palavras divinas, os hagiógrafos escreveram o que Deus desejava que escrevessem. É o mesmo Espírito que enche de inspiração o poeta, para que passeie pelas vias da beleza e diga o que vê e o que sente em versos e palavras. Inspirada, igualmente, é a profecia do profeta, sendo o Espírito que o possui e, por vezes, o derruba o mesmo que simultaneamente o exalta e enche de entusiasmo. Inspirada, por sua vez, é a poesia do poeta, a qual seduz e arrebatada.

- *A palavra*: quando dizemos que o meio de expressão literário é a palavra, ultrapassamos o significado etimológico de literatura, que deriva do latim *littera* – “letra” – e parece referir-se, portanto, de modo primordial, à palavra escrita ou impressa. Com efeito, muitas civilizações, desde a grega antiga à escandinava, francesa e inglesa, produziram importantes tradições orais. Inclusive extensos poemas narrativos, como a *Iliada* e a *Odisseia*, de Homero, as sagas islandesas e o *Beowulf* anglo-saxônico, foram, presumivelmente, cantados ou entoados por rapsodos e bardos profissionais, séculos antes de terem sido escritos. Para que se possa abranger essas e outras obras verbais, é útil considerar a literatura uma arte verbal, *lato sensu*, deixando em aberto a questão sobre se as palavras são escritas ou faladas.

Por sua vez, a teologia encontra seu nascedouro e sua base na palavra. Palavra que se crê pronunciada por Deus e ouvida pelo ser

Nos passos de Maria

Luiz Alexandre Solano Rossi



72 págs.

Entre sons e vozes que escutamos no decorrer do dia, necessitamos separar tempo para ouvir a voz de Maria. Muitos perderam a sensibilidade de ouvir “as coisas do alto e do coração”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



humano na história, levando este mesmo ser humano, segundo o teólogo alemão Karl Rahner, a ser definido como um ouvinte da palavra (RAHNER, 1989, p. 37-59). E é igualmente palavra escrita pelos hagiógrafos ou escritores sacros, que recolhem aquelas tradições orais que permanecem por muito tempo sustentando a identidade do povo de Deus e, finalmente, as registram por escrito. Palavra declarada canônica pela Igreja, que seleciona entre aquilo que foi escrito o que autenticamente pode encontrar sua fonte na inspiração divina e na inerrância concedida como graça ao ser humano e declara essa palavra normativa para tudo e por nada normatizada.

Muito especialmente a teologia das três religiões monoteístas – não em vão ou à toa chamadas religiões do Livro – não é pensável ou inteligível sem a Escritura, que no judaísmo é o sinal concreto e sensível da presença de Deus no meio do povo, no Alcorão é o próprio Verbo feito livro e no cristianismo é o texto sagrado que narra a história das amorosas relações de Deus com esse povo.

3. A arte de narrar e imitar a vida

A literatura é sempre mais definida hoje como arte verbal. Em que sentido específico a literatura é uma arte? Talvez a maneira mais antiga e mais venerável de descrever a literatura como arte seja considerá-la uma forma de *imitação*. Isso define a literatura em relação à vida, encarando-a como um meio de reproduzir ou recriar em palavras as experiências da vida, tal como a pintura reproduz ou recria certas figuras ou cenas da vida em contornos e cores. Poderíamos dizer que a tragédia *Édipo*, de Sófocles, “imita” ou recria as lutas íntimas de um homem soberbo e poderoso que, lentamente, foi forçado a reconhecer e render-se à terrível verdade de

que era, involuntariamente, culpado de paricídio e de incestuoso casamento com a própria mãe.

Se tentarmos avaliar essa interpretação da literatura, teremos de reconhecer que ela toca em pelo menos dois importantes pontos. Considerada em seu valor aparente, sugere que a literatura imita ou reflete a vida; em outras palavras, a temática da literatura consiste nas múl-

tiplas experiências dos seres humanos, em suas vivências. Ninguém negaria que isso é verdade.

Mas a dificuldade está em que, ao defini-la dessa maneira, não dizemos grande coisa acerca da literatura, dado que não levamos em conta o que acontece à sua temática – que poderíamos

chamar, na realidade, de sua matéria-prima – quando ela faz parte de um poema, peça teatral ou romance (RICOEUR, 1996). O segundo e importante ponto sugerido pela teoria da imitação é que a vida está sendo imitada no sentido de ser reinterpretada e recriada. Nesse caso, a ênfase principal parece recair sobre o *modo como* a vida é imitada – que tipo de simulação ou de figuração será escolhido ou que espécie de espelho será usado para refletir as experiências humanas. Essa concepção põe-nos mais perto de um dos aspectos essenciais da literatura, a saber, que a matéria-prima é remodelada e até transformada na obra literária.

Por sua vez, a Bíblia, fonte da revelação e nascedouro da teologia, é tudo, menos um manual de piedade. Trata-se do Livro da Vida por excelência. Paul Ricoeur nos diz algo sobre isso ao refletir sobre a nomeação de Deus (o objeto central da teologia) nos textos bíblicos. A nomeação de Deus sempre acontece no seio de um pressuposto que é o seguinte: nomear Deus é realizar o que já teve lugar nos textos que o pressuposto de minha escuta tem proferido (*ibid.*).

1) Significará isso que eu coloco os textos acima da vida? A experiência religiosa não é a

“Um texto
é como uma
partitura musical
que pode ser
executada.”



primeira? O pressuposto não significa absolutamente que não exista “experiência” religiosa. Todas essas experiências são alguns dos sinônimos do que chamamos fé e, portanto, têm algo a dizer à teologia. Assim, a fé é um ato que não se deixa reduzir a nenhuma palavra, a nenhuma escritura. Esse ato representa o limite de toda hermenêutica porque ele é a origem de toda interpretação (RICOEUR, 1977, p. 15-54).

O pressuposto, portanto, da teologia, que é reflexão sobre a experiência de fé, não é que tudo é linguagem, e sim que é numa linguagem que a experiência religiosa (no sentido cognitivo, prático ou emocional) se articula. Mais precisamente: o que é pressuposto é que a fé, enquanto experiência vivida, é instruída (no sentido de formada, esclarecida, educada) no interior de um conjunto de textos escritos que a pregação cristã traz de volta à palavra viva (RICOEUR, 1996). Esse pressuposto da textualidade da fé bíblica (bíblia quer dizer livro) distingue essa fé de qualquer outra. Em certo sentido, pois, os textos precedem a vida (*ibid.*). Eu posso nomear Deus na minha fé porque os textos da Escritura já o nomearam antes de mim.

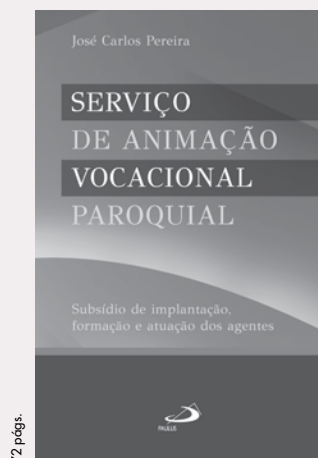
Frequentemente se afirma que, quando a palavra viva é entregue às “marcas externas”, que são as letras, os sinais escritos, a comunicação fica irremediavelmente amputada: perdeu-se alguma coisa que dependia da voz, do rosto, da comunidade de situação dos interlocutores. Não é falso. Pelo contrário, é tão verdadeiro, que a reconversão da Escritura em palavra viva tende a recriar uma relação não idêntica, mas análoga à relação dialógica de comunicação. A reconversão, porém, recria a situação precisamente para além da etapa escriturística de comunicação e com características próprias que dependem dessa situação pós-textual da pregação.

O que a apologia unilateral do diálogo desconhece – insiste Ricoeur – é a extraordinária promoção que acontece no discurso quando ele passa da palavra para a escritura. Libertando-se da presença corporal do leitor, o texto se liberta

Serviço de animação vocacional paroquial

Subsídio de implantação, formação e atuação dos agentes

José Carlos Pereira



Auxílio para as paróquias na implantação do Serviço de Animação Vocacional. É guia para formação e atuação dos agentes de pastoral, e de todos que quiserem conhecê-la.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





também do seu autor, quer dizer: liberta-se, ao mesmo tempo, da intenção que o texto parece exprimir, da psicologia do ser humano que fica por trás da obra, da compreensão que este ou esta tem de si mesmo/a e da sua situação, da sua relação de autor com seu primeiro público destinatário original do texto. Essa tríplice interdependência do texto em relação ao seu autor, ao seu contexto e ao seu primeiro destinatário explica que os textos estejam abertos a inúmeras recontextualizações pela escuta e pela leitura, como réplica à descontextualização contida em potência no ato mesmo de escrever (*ibid.*).

Um texto – dirá ainda Ricoeur – é, em primeiro lugar, um elo numa corrente interpretativa: em princípio uma experiência da vida é levada à linguagem, transforma-se em discurso; depois o discurso se diferencia em palavra e escritura, com os privilégios e vantagens que já foram ditos; a escritura, por sua vez, é restituída à palavra viva por meio dos diversos atos do discurso que reatualizam o texto. A leitura e a pregação são essas reatualizações da escritura em palavra. Um texto é, desse ponto de vista, como uma partitura musical que pode ser executada (alguns críticos, reagindo contra os excessos do texto-em-si, chegam até a afirmar que é o “leitor-no-texto” quem completa o sentido, por exemplo, preenchendo suas lacunas, decidindo sobre suas ambiguidades ou até endireitando a sua ordem narrativa ou argumentativa) (RICOEUR, 1977).

Conclusão: teologia, literatura e antropologia

Na teologia, a antropologia ocupa um lugar central, não apenas porque é feita por seres humanos e para seres humanos, mas também porque a humanidade pode iluminar e esclarecer o caminho e a compreensão da revelação de Deus. Se Deus se revela aos seres humanos, ele o faz por meio do humano, e a natureza humana de Jesus, que é também reveladora do ser de Deus, é prova disso.

O inegável antropocentrismo da literatura – que inventa e narra histórias humanas ou de personagens outros que falam com palavras humanas – religa-se, então, ao antropocentrismo da teologia.

E ambas, literatura e teologia, na arte de escrever imitando a vida para transformá-la, encontram sua fonte na inspiração que vem de mais além, cujo segredo é progressivamente desvendado aos seres humanos que se dispõem a tratar mais intimamente com o mistério desta vida doada gratuitamente pelo Criador a suas criaturas.

Não é à toa, portanto, que a área da interface entre teologia e literatura é uma das que mais crescem na pesquisa hoje. Atraindo-se como dois polos relacionais, ambas as disciplinas fazem o ser humano mais humano e a vida mais bela e digna de ser vivida. ●

Referências

- RAHNER, K. “O ouvinte da Palavra”. In: _____. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989.
- RICOEUR, P. “Entre filosofia e teologia II: nomear Deus.” In: _____. *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. “Herméneutique de l’idée de Révélation.” In: _____. *La Révélation*. Bruxelles: Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1977.
- SOBRINO, J. “Espiritualidade e teologia.” In: _____. *Liberación con Espíritu*. Santander: Sal Terrae, 1985.
- VON BALTHASAR, H. U. “Teologia y espiritualidad.” *Selecciones de Teologia*, Barcelona, v. 13, abr.-jun. 1974.



As questões teológicas presentes na “Compadecida”, da obra de Ariano Suassuna

Jonas Nogueira da Costa, ofm*

No Auto da Compadecida encontram-se belos elementos para a reflexão teológica, particularmente a superação da mentalidade medieval quanto ao juízo final como algo implacável e sem misericórdia. Sem ser púlpito ou aula de teologia, a peça, depois transformada em filme, encanta, emociona e nos mostra, entre outras coisas, que sobre as misérias humanas a compaixão divina tem a última palavra.

* Padre da Ordem dos Frades Menores; mestre em Teologia Sistemática pela Faje (BH). Atualmente reside em Belo Horizonte, MG.
E-mail: nogueira905@gmail.com

Introdução

Teologia e literatura se encontram, de forma belíssima, na obra de Ariano Suassuna *Auto da Compadecida*. O texto, lido na perspectiva teológica, revela-nos o triunfo da misericórdia divina, da qual Cristo é a expressão máxima.

Sobre o autor e sua obra em questão gostaríamos brevemente de destacar algumas notas. Ariano Vilar Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927, em João Pessoa, PB. Escreveu o *Auto da Compadecida* em 1955, e, no ano seguinte, a peça foi encenada pela primeira vez no Recife, no Teatro Santa Isabel. Em 1957, foi publicada pela Editora Agir. Em 1999, o *Auto* foi exibido pela televisão em quatro capítulos, com a adaptação de Guel Arraes, convertendo-se em filme no ano seguinte.

1. A Compadecida: raízes teológicas e devocionais dessa imagem mariana

Ariano Suassuna apresenta a Virgem Maria com um título desconhecido da devoção



mariana, a “Compadecida”. Esse título está relacionado com a ação de Maria no momento do julgamento final dos personagens do *Auto da Compadecida*, mas também com seu olhar materno e feminino sobre a vida das pessoas e sua identificação com elas. Maria se compadece das pessoas porque viveu uma vida concreta, marcada por lutas, alegrias e sofrimentos.

Suassuna nos fala de Nossa Senhora, a Compadecida, como o emblema feminino no sertão, assim como o Cristo esfarrapado é o emblema masculino da luta do nosso grande povo:

Para mim, o emblema brasileiro e feminino, o núcleo fundamental de toda a minha visão de mundo, era aquela Senhora a quem eu celebrara com o nome popular de “A Compadecida” e que, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, é a Padroeira incontestável de nosso país e do nosso povo (NOGUEIRA, 2002, p. 103).

Mesmo sendo este título algo novo para a devoção mariana, encontramos outro que muito se aproxima dele, que é “Mãe de misericórdia”. Maria, enquanto mãe de misericórdia, é aquela que se compadece dos seus irmãos assumidos como filhos. Essa misericórdia é primeiramente um atributo do próprio Deus, como vemos nas Escrituras, mas também da Filha de Sião, que é ícone e transparência da misericórdia divina (cf. DOMENICO, 2003, p. 131).

E são muitos os que rezam e contemplam essa dimensão do mistério divino na vida de Maria. Entre os mais antigos, podemos citar Tiago de Sarug (padre oriental do século VI), Romano Melode, João Kyriotis (século X), são Bernardo, santo Afonso Maria de Ligório etc. (cf. DOMENICO, 2003, p. 31-32). O registro

mais antigo que temos da relação entre Maria e a misericórdia se deve a Tiago de Sarug († 521), que lhe dá o título de “Mãe de misericórdia” (cf. DOMENICO, 2003, p. 307).

Contudo o mais antigo defensor e propagador do título mariano de “Mãe de misericórdia” é santo Odo, abade de Cluny (†942), referindo-se a Maria como mãe espiritual dos fiéis, plena de graça e de misericórdia, sobretudo porque gerou Cristo, “misericórdia visível do invisível Deus misericordioso” (cf. DOMENICO, 2003, p. 33).

Também a iconografia nos apresenta a Virgem como “misericordiosa”, “compadecida”. Tome-mos por exemplo o ícone da Virgem de Vladimir ou, como popularmente no Brasil é reconhecida, Virgem da Ternura ou da Compaixão. Abraçada ternamente a seu Filho, ela dirige os olhos aos que se colocam diante dela. Outra representação, agora ocidental,

que retrata bem essa atitude misericordiosa de Maria é uma das imagens em que ela traz sob seu manto um grupo de pessoas.

Lembramos ainda a oração da salve-raí-nha. Sua composição é atribuída a Hermano Contracto (†1054), mas há outros possíveis autores, como Pedro de Mezonzo (†1000), bispo de Compostela, e Ademaro de Monteil (†1098), bispo de Le Puy-en-Velay. A piedade medieval acrescentou o termo “Mater” no primeiro verso da oração, assim como “Virgo” no último (cf. MAGGIONI, 2000, p. 134). Em 1135, já encontramos estabelecido o costume de cantar a *Salve Regina* como hino processional em Cluny (cf. AMATO, 2011, p. 17). Essa oração é expressão de confiança filial na “Mãe de misericórdia”, que é também nossa advogada.

Desse modo, podemos dizer que o título de “Mãe de misericórdia”, o qual apresentamos como aquele que mais se aproxima teo-

**“Para compreendermos
esse serviço de Maria
ao povo de Deus,
devemos partir de
sua vida, desde a
anunciação do Senhor.”**

logicamente ao de “Compadecida”, se dá pelo fato de ser Maria fiel reflexo da misericórdia do Pai (cf. DOMENICO, 2003, p. 238) e que, na tradição católica, se conservou e celebrou de diferentes maneiras esse traço de Maria, sendo atualizado por Ariano Suassuna.

2. A Compadecida como advogada

“Não confia mais na sua advogada?” (SUASSUNA, 2005, p. 157). Com essa pergunta que a Compadecida faz a João Grilo, a Virgem nos mostra um traço de seu compadecimento da humanidade que é assumir sua defesa contra todos os perigos e males, como nossa advogada.

Para compreendermos esse serviço de Maria ao povo de Deus, devemos partir de sua vida, desde a anunciação do Senhor até sua assunção, em que encontramos a peregrinação de uma mulher na fé, que viveu alegrias e sofrimentos. Agora, glorificada no céu, o povo de Deus se volta a Maria como mãe e “companheira de viagem nas estradas da vida”, em busca de esperança e de alívio nos sofrimentos, invocando-a em suas preces, reconhecendo-a como “advogada”.

É comum o povo, em suas expressões cotidianas de medo, susto, consternação, clamarem por Maria, usando breves invocações marianas. O *Auto da Compadecida* está inserido nessa tradição popular. Encontramos um exemplo dessa invocação quando o cangaceiro Severino de Aracaju e seus bandoleiros invadem a cidade de Taperoá e entram na igreja para saqueá-la e tanto o padre quanto o bispo exclamam: “Ave, Maria! Valha-me, Nossa Senhora!” (SUASSUNA, 2005, p. 88).

Também quando tudo parecia perdido, no momento do julgamento dos personagens do *Auto*, João Grilo tem uma ideia ou, como ele diz, “um trunfo” (cf. SUASSUNA, 2005, p. 143). O próprio Cristo questiona se ele vai “se pegar” a algum santo, mas nosso “amarelo” invoca, com um poema divertido de Ca-

Tríduo do (a) padroeiro (a) Sugestões para organizar um tríduo em preparação à festa do (a) padroeiro (a) da paróquia

José Carlos Pereira



Roteiro com sugestões, que visam conduzir os fiéis além da oração, reflexão e celebração. Leva em conta a vida do (a) padroeiro (a); da comunidade e da Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



nário Pardo (SUASSUNA, 2005, p. 144), a Compadecida, mãe da justiça. E o julgamento toma outro rumo.

A intervenção da Compadecida parece mudar o destino final dos personagens, livrando-os da condenação, contudo, em momento algum, antes da intervenção da Virgem Maria, Manuel tinha decretado a condenação deles. A contribuição da Virgem é elucidar os fatos, utilizando o mais profundo dos sentimentos de cada pessoa julgada e a história de cada um. Maria não altera o lugar de Cristo com sua intercessão, apenas faz o papel de advogada, mesmo que não despreze os laços de sangue que a unem a Manuel. Uma frase expressa bem essa atitude da Virgem na obra: “Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene” (SUASSUNA, 2005, p. 148). Dizer que aquelas pessoas não têm ninguém pode ser teologicamente incorreto se pensarmos que o mesmo Cristo que julga é o que ama e que não abandona os que redimiui com seu sangue, mas devemos compreender a plasticidade da obra voltada para o teatro, sem fins teológicos, que quer ressaltar, nesse ponto, a intercessão de Maria.

Por ser Compadecida, Mãe de misericórdia, Maria volta seu olhar amoroso a todos os seus irmãos, assumidos como filhos. E constantemente a piedade mariana pede que ela não deixe de interceder por estes, sobretudo nos momentos de dificuldades e na hora da morte.

De fato, depois de elevada aos Céus, não abandonou esta missão salutar; ao invés, pela sua múltipla intercessão, continua a obter-nos os dons da salvação eterna. Com o seu amor de Mãe, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se de-

batem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz. Por isso, a santíssima Virgem é invocada, na Igreja, com os títulos de advogada, auxiliadora, amparo e medianeira (LG 62).

Desse modo, a Compadecida é advogada por ser solidária à humanidade, da qual participa. E assunta ao céu, em sua humanidade, em seu corpo de mulher glorificado, é sinal

de nossa realidade última, constituindo nossa defesa ante tudo o que nos desumaniza e, conseqüentemente, nos afasta da salvação.

Contudo, gostaríamos de deixar claro que este título mariano de “advogada” é de ordem pneumatológica (Jo 16,5-14) e que nosso defensor junto a Deus, por causa

dos nossos pecados, é Jesus Cristo, o Justo (1Jo 2,1). Maria só pode ser invocada como “advogada” dando-se a devida primazia ao Espírito Santo e enquanto mulher solidária aos sofrimentos humanos.

**“Manuel se apresenta
como justo juiz, sem
nenhum traço tirânico,
cheio de bondade e
dignidade e que se
permite, inclusive, ser
bem-humorado.”**

3. A Compadecida e a escatologia

Como sabemos, no *Auto da Compadecida* o “lugar” onde a Compadecida se destaca como advogada é no julgamento dos personagens que acontece “na morte”. Acentuamos o termo “na morte” porque, enquanto realidade escatológica, não falamos de lugar, mas de situação em que a pessoa se encontra ao término da vida biológica. E é nesse momento da morte que nossos personagens e todas as pessoas se encontram pela primeira vez com Deus (cf. BLANK, 2009, p. 73).

Esse encontro com Deus na pessoa do Filho, juiz da humanidade na obra de Suasuna em questão, traz elementos tradicionais e rupturas, sendo essas últimas o que gostaríamos de ressaltar.



Uma novidade marcante é Cristo se mostrar como um homem negro, “um preto retinto, com uma bondade simples e digna nos gestos e nos modos” (SUASSUNA, 2005, p. 124). Essa aparição é uma crítica ao preconceito não apenas em relação à cor de pele, mas étnico, pois Manuel diz a João Grilo: “Você pensa que eu sou americano para ter preconceito de raça?” (SUASSUNA, 2005, p. 127).

Sentado no trono, Manuel diz: “Levantem-se todos, pois vão ser julgados” (SUASSUNA, 2005, p. 125). Assim começa o julgamento de nossos personagens, quando, na morte, se encontram com Jesus. A cena nos lembra o Evangelho de Mateus (25,31-32), pois

Quando o Filho do Homem vier em sua glória, acompanhado de todos os seus anjos, ele se assentará em seu trono glorioso. Todas as nações da terra serão reunidas diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos.

A imagem de Cristo como um severo juiz, sentado em seu trono, implacável em seu julgamento e, não raramente, com traços tirânicos, dominou o imaginário religioso e teológico na Idade Média, e ainda encontramos alguns resquícios dessa ideia em nossos dias. Em contraposição ao Filho irado estava a Mãe bondosa, símbolo de misericórdia e refúgio dos pecadores, que intercedia em favor da humanidade (cf. DOMENICO, 2003, p. 16; MIEGGE, 2008, p. 12).

O *Auto da Compadecida* marca uma ruptura com essa mentalidade. Manuel se apresenta como justo juiz, sem nenhum traço tirânico, cheio de bondade e dignidade e que se permite, inclusive, ser bem-humorado, fazendo brincadeiras, pois o inferno, “lá, sim, é um lugar sério. Aqui pode-se brincar” (SUASSUNA, 2005, p. 132).

Também o papel da Virgem é outro. Mantém sua função de intercessora na “hora da morte”, mas não como aquela que é bondosa em contraste com seu Filho, e sim como al-

guém que ajuda a compreender a história concreta de cada personagem. Ela, diferentemente do Demônio/Encourado, não se preocupa com a lista de pecados, mas com o contexto vital de cada personagem. Sua intervenção não é salvífica na obra, mas é ação que tem origem em sua compaixão pelas pessoas, uma vez que ela mesma, como mulher pobre e mãe, conhece a realidade em que toda a humanidade vive. Não que Cristo ignore a vida das pessoas e seus desafios – na obra essa ideia nunca aparece –, mas junto a ele e nele a história de cada pessoa alcança uma forma elevada de compreensão.

Se na concepção medieval Maria era a misericordiosa no juízo final, diante da severidade de Jesus, no *Auto da Compadecida* ambos são misericordiosos e, por isso, concordes em tudo.

4. O feminino

A concordância de Cristo e Maria torna-se excelente metáfora que nos ajuda a compreender que o ser humano integrado deve ser buscado sob os olhos do masculino e do feminino harmonizados. A obra nos chama a atenção para essa dimensão humana no julgamento, em que Cristo e Maria interpretam a vida numa perspectiva mais profunda.

Duas outras personagens que se destacam no texto suassuniano nos ajudam a refletir sobre a questão do feminino: a mulher do padeiro e a do Encourado.

A mulher do padeiro, acusada de adultério na hora do julgamento, toma a palavra em defesa própria, alegando sua condição de moça pobre, casada com homem rico que, além de maltratá-la, era adúltero (SUASSUNA, 2005, p. 151). A *Compadecida* mostra sua solidariedade com a mulher nessa personagem feminina, cujo sofrimento é a realidade de muitas mulheres em nossos dias.

Quanto ao Encourado, poderíamos chamá-lo de machista? O machismo não é característica marcante nesse personagem, contudo ele demonstra alguns traços misóginos, como consi-



derar, negativamente, a mulher como aquela que se mete em tudo (cf. SUASSUNA, 2005, p. 145) ou não conhecer a grandeza da maternidade como filho, uma vez que desdenha do afeto entre Jesus e Maria, logo sendo reprimido pelo cangaceiro Severino, que lhe diz: “Você só fala assim porque nunca teve mãe”, e por João Grilo, que o chama de “filho de chocadeira” (SUASSUNA, 2005, p. 146). De fato, todo machismo pode ser classificado como algo demoníaco em nossa sociedade, pois ele sempre é materializado em diferentes formas de violência. A postura de Jesus Cristo é totalmente oposta em seu carinho e cuidado para com as mulheres, como podemos ver, por exemplo, em Mt 9,18-26.

“A Compadecida não se preocupa com a lista de pecados, mas com o contexto vital de cada personagem.”

Conclusão

Gostaríamos de encerrar esta breve reflexão destacando duas contribuições à teologia fornecidas pelo *Auto da Compadecida*.

A primeira delas é o humor. Podemos falar

de Deus de maneira alegre, sem perder a revelância pelo mistério divino. Também pensar a figura de Cristo bem-humorada é pensar Cristo em sua face amorosa para a humanidade.

Outra contribuição é constatar um sinal de superação da mentalidade medieval que entendia o julgamento como uma prestação de contas, distante da bondade e da misericórdia de Jesus. Na obra em questão, Jesus não é permissivo ou superficial diante das misé-

rias humanas ou pecados, mas é aquele que compreende o ser humano no nível mais profundo e busca nele, com sua morte, uma resposta de amor.

O *Auto da Compadecida* é um texto que não quer fazer do palco um púlpito, mas encanta, emociona e nos aproxima de Deus, pois encontramos um pouco (ou muito) de nossas histórias pessoais nos personagens envolvidos no julgamento, o que faz dessa peça de teatro uma analogia do desejo de todos os corações: que, sobre as misérias humanas, a compaixão seja a última palavra. ●

Referências

- AMATO, A. *Maria la Theotokos: conoscenza ed esperienza*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. 9ª. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2009.
- BLANK, R. J. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição (escatologia I)*. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.
- DOMENICO, P. Di (org.). *Maria Madre di Misericordia: monstra te esse matrem*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003.
- MAGGIONI, C. *Benedetto il frutto del tuo grembo: due millenni di pietà mariana*. Casale Monferrato: Portalupi, 2000.
- MIEGGE, G. *La Vergine Maria: saggio di storia del dogma*. Torino: Claudiana, 2008.
- NOGUEIRA, M. A. L. *O cabreiro tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- ODO, Santo. “Prolegomena”. In: MIGNE, J.P. (org.). *Opera omnia*. Paris: Migne, 1881, col. 61-76 (Patrologia Latina, 133).
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.



O mistério e o cotidiano na poesia de Adélia Prado

Mônica Baptista Campos*

A poesia de Adélia Prado é um convite para adentrarmos na dimensão do mistério tremendum e fascinans (algo que vai além das realidades deste mundo e contém em si algo de maravilhoso e inefável, que causa estupor) e, ao mesmo tempo, insere-nos no universo do cotidiano, dando sentido e significado às coisas simples da vida...

Introdução

O tema da mística e da espiritualidade tem retornado à pesquisa acadêmica e também à vida cotidiana – nas conversas entre amigos, nos livros de autoajuda, no intercâmbio e diálogo entre as religiões – e vem interpelando a teologia. No atual momento/estágio da sociedade secularizada, o discurso da dogmática parece cada vez mais inadequado para responder às demandas de sentido que o ser humano necessita e busca. As mudanças realizadas nos últimos tempos são significativas e não são comparáveis a nenhum outro período histórico. A comunicação em tempo real, a cibernética, a biotecnologia, a revolução feminista, a robótica, a física quântica, a inteligência artificial, entre outros, são fenômenos que comportam mudanças profundas nas estruturas do pensamento ocidental. Vários autores de diversas áreas do saber consideram que o dinamismo da vida nos põe diante de um novo paradigma de mundo.

*Mônica Baptista Campos é professora da PUC-Rio, mestre em Teologia, bacharel em Comunicação Social (PUC-Rio), organizadora, junto com Lúcia Pedrosa-Pádua, do livro *Santa Teresa: mística para nosso tempo*, Ed. PUC-Rio; Ed. Reflexão. E-mail: monica.b.c@uol.com.br



Em resposta a essas mudanças, alguns teólogos e teólogas vêm desenvolvendo pesquisas que trabalham com uma perspectiva interdisciplinar: teologia e psicologia, teologia e bioética, teologia e literatura, entre outras. Nesse sentido, este artigo se propõe ser um ensaio místico e poético da obra de Adélia Prado, com perspectiva teológica.

1. Apresentando Adélia Prado

Adélia Luzia Prado Freitas nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 13 de dezembro de 1935. O mistério, o erotismo e o cotidiano estão constantemente presentes em sua obra. A morte também costuma frequentar a sua poética, e foi após o falecimento de sua mãe, em 1950, que ela escreveu seus primeiros versos, aos 15 anos de idade. A morte da mãe – a ausência e o sentimento de orfandade – parece ter aberto a veia pulsante da expressão poética na vida da autora. O sentimento de perda fez-se sentir em poesia, o afeto experimentado perpetua-se nas palavras, por meio do verbo.

Sua estreia poética no cenário brasileiro ocorre quando ela completa quarenta anos de idade: “Quarenta anos: não quero faca nem queijo. Quero a fome”. A fome de um Deus que lhe diz em poesia: “eu só como palavras”. Fome de palavras e de poesia; fome de Deus. O primeiro livro, *Bagagem*, foi lançado em 1976 no Rio de Janeiro e teve como padrinho Carlos Drummond de Andrade, que lhe dedicou uma crônica no *Jornal do Brasil*: “Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: esta é a lei, não dos homens, mas de Deus. Adélia é fogo, fogo de Deus em Divinópolis” (CDL n. 9, 2000, p. 5). A autora diz que a poesia que seria a base de seu primeiro livro também “veio” depois da morte de seu pai.

“Adélia Prado
experimenta a poesia
como epifania,
revelação do real e
também um estado
de graça.”

Seu segundo livro, publicado em 1978, *O coração disparado*, recebe o Prêmio Jabuti de poesia. A autora consagra-se no universo literário brasileiro. Um ano depois de receber o prêmio de melhor livro de poesia, Adélia lança-se em prosa com seu primeiro romance: *Soltem os cachorros*. A partir daí, a autora segue publicando tanto prosa quanto poesia: *Cacos para um vitral*, *Terra de Santa Cruz*, *Os componentes da banda*, *O pelicano*, *A faca no peito*. Passa por um tempo de silêncio poético, de aridez; tempo para *O homem da mão seca*, livro que marca sua volta ao cenário literário. “Desdobrável”, Adélia retoma a palavra de formas diversas: publica *Manuscritos de Felipa* – prosa –, os poemas de *Oráculo de maio*,

lança dois CDs de poesia, *O tom de Adélia* e *O sempre amor*, publica também *Filandras* – volume com 43 textos –, a novela *Quero minha mãe* e o livro *Quando eu era pequena*, dedicado à literatura infantil. Seu livro mais recente é *A duração do dia*, lançado em 2010.

2. Epifania, revelação do real e inspiração

Adélia Prado experimenta a poesia como epifania, revelação do real e também um estado de graça: “a definição mais perfeita de poesia é: a revelação do real. Ela é uma abertura para o real [...]. Ela me tira da cegueira” (CDL n. 9, 2000, p. 23).

Na perspectiva do crítico e poeta Octavio Paz, a poesia “é uma revelação da nossa condição original, qualquer que seja o sentido imediato e concreto das palavras do poema” (PAZ, 1982, p. 180). Paz marca diferença entre a revelação religiosa e a poética, quando diz que a primeira não constitui um ato original e sim sua interpretação, enquanto a segunda é o abrir das fontes do ser, ato “pelo qual o homem

se funda e se revela a si mesmo” (PAZ, 1982, p. 189). Abre-se então a possibilidade de assumir sua condição original e se recriar. Contudo, também afirma que a experiência poética e a religiosa têm uma origem em comum, muitas vezes são indistinguíveis e nos remetem à nossa alteridade constitutiva (*ibid.*, p. 189).

Em entrevista, Adélia diz: “Para mim, experiência religiosa e experiência poética são uma coisa só” (CDL n. 9, 2000, p. 23). Na obra poética de Adélia é impossível distinguir as duas experiências. Sua poesia não é religiosa pelo tema, mas é de natureza religiosa porque expressa um fenômeno de unidade, de desvelamento do Real – a poesia tira-lhe da cegueira. A autora “sofre”¹ o poema como epifania, revelação, manifestação. A poesia é motivo de alegria e prazer; é puro júbilo.

Propomos entender “estado de graça” com dois significados. Primeiro, como gratuidade. Sem esforço, nem penas, nem merecimento – é grátis, é de graça. E como dom salvífico de Deus – que também é gratuito, mas tem um sentido relativo à doutrina cristã. A poeta é católica e está inserida em um contexto próprio e particular de religiosidade, sendo possível identificá-la a partir de sua poesia:

No entanto, repito, a poesia me salvará. / Por ela entendo a paixão / que Ele teve por nós, morrendo na cruz. / Ela me salvará, porque o roxo / das flores debruçado na cerca / perdoa a moça do seu feio corpo / Nela, a Virgem Maria e os santos consentem / no meu caminho apócrifo de entender a palavra / pelo seu reverso, captar a mensagem / pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos. / Ela me salvará (PRADO, 1991, p. 61).

A graça, na doutrina cristã, é a salvação oferecida por Jesus Cristo. A poeta experi-

1 “Sofre” no sentido de um momento de passividade e não de sofrimento.

Por uma Igreja do Reino Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial

Adriano Sella



Reflexões em que o leitor, passo a passo, é colocado diante da realidade eclesial de hoje, sentindo-se estimulado a dar sua contribuição para a renovação da mensagem.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





menta a salvação por meio da poesia – “por ela entendo a paixão que ele teve por nós” –, interpretando-a à luz de sua religiosidade – “Nela [poesia], a Virgem Maria e os santos consentem no meu caminho apócrifo de entender a palavra pelo seu reverso”. A poesia é o caminho apócrifo porque a palavra é entendida pelo reverso. O caminho teológico é então o caminho canônico, da linguagem lógica.

É Deus quem inspira a poesia de Adélia. “Quero enfear o poema / para te lançar em desespero, / em vão. / Escreve-o Quem me dita as palavras, / escreve-o por minha mão.” Ou ainda: “de vez em quando Deus me tira a poesia. / Olho pedra, vejo pedra mesmo”.

A poesia salva e a mística salva. Talvez por isso Adélia possa dizer, no poema *Cicatriz*: “estão errados os teólogos / quando descrevem Deus em seus tratados”. E a poeta leva a fundo a salvação pela poesia: “Frigoríficos são horríveis, / mas devo poetizá-los / para que nada escape à redenção: / Frigoríficos do Jiboia / Carne fresca / preço joia”. Nenhum teólogo ou teóloga arriscaria dizer que a teologia salva.

3. A experiência do Mistério em poética

Adélia Prado, falando para uma plateia de psicanalistas (MAHFOUD, 1999, p. 17), diz que o Mistério “surge” quando se pergunta: “Para quê?”. Essa pergunta comporta um *sentido*, e achar um sentido é achar uma finalidade. Perguntar é da índole do humano: “o que sou?”, “de onde vim?”, “para onde vou?”, “qual o sentido da vida?” são perguntas que a levam ao repouso, porque se verifica total impossibilidade de resposta; e esse repouso “só pode ser feito no Mistério que está envolvendo pergunta e resposta” (MAHFOUD, 1999, p. 18). Para o teólogo Leonardo Boff, mistério não representa um enigma que pode

ser decifrado, “mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade, e que possui um caráter definitivamente indecifrável” (BETTO; BOFF, 2008, p. 35).

Para Adélia Prado, o discurso da poesia é o discurso da mística, na medida em que representam uma experiência profunda, de ordem interna, espiritual, que a toma pelos sentidos, mas transcende a experiência sensorial. Tanto na mística quanto na poética, a linguagem é própria e paradoxal: “[...] é quase impossível de ser dito. O paradoxo é para falar algo inefável” (MAHFOUD, 1999, p. 19).

Inefável e indizível são palavras que bem expressam o sagrado, na perspectiva do fenomenólogo Rudolf Otto. Pela poesia de Adélia, escorrem expressões do *mysterium tremendum e fascinans*. Revelar é velar duas vezes, portanto não se trata do óbvio – a poesia não é óbvia –, mas “sim de um não sei quê / que se acha por ventura” (CRUZ, 2002, p. 57).

O poema *Antes do nome* expressa uma experiência singular com a palavra e com o mistério de Deus.

Não me importa a palavra, esta corriqueira. / Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe, / os sítios escuros onde nasce o “de”, o “aliás”, / o “o”, o “porém” e o “que”, esta incompreensível / muleta que me apoia. / Quem entender a linguagem entende Deus / cujo Filho é Verbo. Morre quem entender. / A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda, / foi inventada para ser calada. / Em momentos de graça, infrequentíssimos, / se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão. / Puro susto e terror (PRADO, 1991, p. 22).

A metalinguagem de Adélia expressa a relação entre sintaxe e classe de palavras (pre-



posição, artigo, advérbio etc.) e também relaciona o mistério da linguagem a Deus – quem entender a linguagem entende Deus. Por isso a palavra é disfarce de uma coisa mais grave, de um mistério surdo-mudo que fascinou Adélia Prado e alguns outros como Manoel de Barros, Fernando Augusto Magno, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes.

Adélia quer a palavra que emerge do caos e de sítios escuros, a palavra que foi inventada para ser calada: “Se um dia puder, / nem escrevo um livro”. Essa, em momentos de graça, é possível apanhá-la com susto e terror. A experiência de “susto e terror” da autora com a palavra/linguagem/sintaxe parece semelhante à experiência do *mysterium tremendum* e *fascinans* ou o “mistério que faz tremer e seduz”, a que Rudolf Otto se refere no livro *O sagrado*. Otto estuda o elemento não racional que compõe a experiência do numinoso,² núcleo indizível e elemento básico da experiência religiosa. Convém lembrar que, para Adélia, experiência poética e religiosa são idênticas: “Poesia sois Vós, ó Deus. / Eu busco Vos servir”. É possível então captar por meio dos versos da poeta alguns aspectos do numinoso, do sagrado, que se desvelam em rimas, ritmos e tempos. Poéticos.

A experiência do *tremendum* (arrepiaante), do temor e tremor se encontra num estágio elevado da religião – profundidade e interioridade do sentimento religioso. A experiência do sagrado antecede todo e qualquer conceito de Deus. Em *O homem humano*, Adélia expressa: “Ó Deus, ainda assim não é sem temor que Te amo, / nem sem medo”. O título da poesia faz conexão com a brutal diferença

entre o humano e o numinoso que desperta o sentimento do *tremendum*. Em outro poema, *Apelação*, a autora faz referência à poesia *O homem humano*, marcando a diferença e distância entre humano e divino: “Mas Deus nos perdoará, / Ele sabe o que fez: ‘homem humano’. / A boca que come e mentiu come Seu Corpo Santo”. O ser humano é criatura de Deus.

O numinoso desperta o sentimento de criatura. Para Otto, o saber-se criatura é qualitativamente diferente de qualquer sentimento de dependência: “o sentimento subjetivo de ‘dependência absoluta’ pressupõe uma sensação de ‘superioridade’ (e inacessibilidade) absoluta” do numinoso. Para Adélia, saber-se criatura é uma experiência de paz e descanso: “as coisas que ficam se digladiando dentro de mim, encontram a paz. A coisa que mais descansa é a gente ser criatura, por isso a gente tem tanta saudade de pai e mãe”.

Embora identifique o sentimento de criatura com o de filiação/orfandade (saudade de pai e mãe), Adélia sintoniza com a diferença proposta por Otto quando expressa outro tipo de medo, o “medo remediável” que pede a Deus na poesia *Orfandade*.

Meu Deus, / me dá cinco anos. / Me dá um pé de fedegoso com formiga preta, / me dá um Natal e sua véspera, / e o ressoar das pessoas no quartinho. / Me dá a neguinha Fia pra eu brincar, / me dá uma noite pra eu dormir com minha mãe. / Me dá minha mãe, a alegria sã e o medo remediável, / me dá a mão, me cura de ser grande, / Ó meu Deus, meu pai, / meu pai (PRADO, 1991, p. 14).

Ressaltamos o “medo remediável” no poema *Orfandade*, diferente do sentimento experimentado no *Antes do nome* (*mysterium tremendum*) – “puro susto e terror”. Para Otto, a reação de “temer” o numinoso é algo bem diferente do sentimento de temor que estamos acostumados a sentir naturalmen-

2 A palavra numinoso é um neologismo utilizado pelo autor para falar do aspecto não racional na religião. Não pode ser explicado, tem um caráter inefável. O numinoso é uma característica essencial da religião, pois sem ele a religião perderia suas características. A palavra *numem* vem significar “divino, deidade”. Fenômeno originário. O fenômeno do numinoso pertence ao plano da vida e se expressa a partir de uma reação que desperta o sentimento de criatura.



te. Ele expressa em hebraico *hid'dish*, que significa “santificar”: “santificar algo em seu coração” quer dizer distingui-lo por sentimentos de receio peculiar, que não deve ser confundido com outros receios, significa valorizá-lo pela categoria do numinoso. Em *Duas maneiras*, mais indicação da experiência do aspecto *tremendum*: “Deus me olha e me causa terror”. Inacessibilidade absoluta do sagrado, que não se esgota só neste aspecto; desdobra-se em outro, o *majestas*: “o aspecto *majestas* pode ficar vivamente preservado quando o primeiro aspecto, da inacessibilidade, passa para o segundo plano” (OTTO, 2007, p. 53).

Ainda caracterizando o aspecto *tremendum*, Otto também descreve a reação ao numinoso como um sentimento de “ira de Deus”, que ele identifica como presente nos textos bíblicos do Antigo Testamento. No poema *Disritmia*, Adélia expressa: “o que entendo de Deus é sua ira. / Não tenho outra maneira de dizer”.

Introduzindo o aspecto *majestas*, Otto o denomina avassalador. É aqui que se evidencia o sentimento de criatura. É encontrado em “certas formas de mística” (OTTO, 2007, p. 52) em que há uma depreciação de si mesmo, uma sensação de ser pó e cinza diante de uma realidade totalmente outra e transcendente. É o aspecto *majestas*, da majestade do numinoso que imprime no ser humano a sensação do nada. Eu, nada; Tu, tudo! A pessoa fica pobre e humilde. No poema *Noite feliz*, Adélia escreve “sou miserável, / um monte de palha seca”. Em *A sagrada face*, ela assim se expressa: “Então é este o esplendor, [...] / Esta doçura nova me empobrece [...] / Pobre e desvalida entrego-me ao que seja / esta força de perdão e descanso”. A entrega da “pobre e desvalida” a esta experiência avassaladora. O sentimento de ser criatu-

ra como citado pela poeta – que se manifesta no aspecto *majestas* – é motivo de repouso, de conforto. “O nosso descanso é esse, é ter alguém maior que nós. Dá muito descanso quando você encontra aquilo que você pode adorar”. E a majestade se torna adorável, fascinante e sedutora.

O *majestas* é a qualidade do numinoso em que se revela o aspecto distanciador; contudo, a experiência do numinoso também desperta outro sentimento: o *fascinans*. Fascinante, sedutor, encantador, inebriante. O que apavora, atrai. É tipicamente uma experiência de paradoxo. Paralelos em conceitos racionais que esquematizam o *fascinans* são o amor, a misericórdia, a compaixão, a caridade e também formas de ações religiosas como reconciliações, súplicas,

sacrifício e ação de graças. A necessidade de reconciliação, de “apacar a ira” também é encontrada em *Penitente*: “E só Vos dei palavras, ó Deus santo. / Quando achei que exigíeis / cabeças sanguinolentas, / um punhado de versos aplacou-nos”. Para Adélia, “[...] Deus existe / e com um poder de sedução indizível”. O *fascinans* expressa a beleza do mistério que embriaga: “deve ser assim que se vive, / na embriaguez deste voo”. E no poema *Em mãos* explicitamente sente: “da cabeça aos pés de mim, / eu só quero saber do fascinoso mistério”. A força de atração também pode ser percebida pela pergunta em *Duas horas da tarde no Brasil*: “Quem me chama é Deus? / É. Seu olho centrífugo o que me puxa?”.

4. O mistério e o cotidiano

A poesia de Adélia revela vestígios do mistério, do indizível, do transcendente. Entretanto, o cotidiano é o seu tema preferido.

Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a

**“É possível captar
por meio dos versos
da poeta alguns
aspectos do numinoso,
do sagrado, que se
desvelam em rimas,
ritmos e tempos.”**



pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extraordinário). E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano, que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida (PRADO, 2010).

Essa citação da autora revela sua percepção do mistério como algo constantemente presente na vida humana. O cotidiano é um grande tesouro – acessível a todo ser humano – e a arte permite revelar o transcendente na vida cotidiana. Adélia expressa a capacidade de o cotidiano gerar experiências de “admiração” e de encantamento, de se ver a poesia do real.

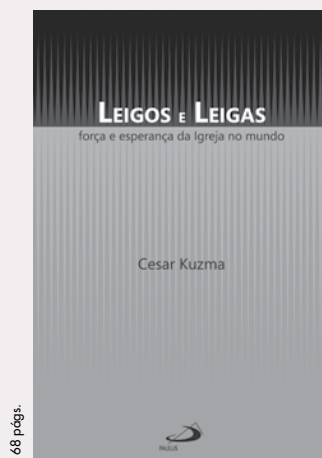
A experiência poética no cotidiano é exemplificada quando passamos por algo que nos é habitual e isso nos causa algum espanto e admiração, “nunca tinha visto isso dessa forma”. Adélia diz que esse é um momento de dar graças, estamos tendo uma experiência poética e também religiosa, pois nos liga a um centro de significação e sentido. A poeta pode ser considerada autêntica hermenêutica do cotidiano.

Adélia se sente afetada pela cena do dia a dia, reconhece no tema do cotidiano o lugar especial da sua expressão poética. Assim, um simples ato conjugal – preparar refeição – se situa como um sinal de amor. Adélia expressa o sentimento “oculto”, o “não falado”, de uma simples ação doméstica: “a coisa mais fina do mundo é o sentimento. / Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, / ela [mãe] falou comigo: / ‘Coitado, até essa hora no serviço pesado’. / Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente. / Não me falou em amor. / Essa palavra de luxo”. Sua poesia está, sobretudo, focalizada no âmbito da casa, no dia a dia de uma cidade do interior – “na minha cidade, nos domingos de tarde, / as pessoas se põe na sombra com faca e laranjas” –, e por meio dessa realidade é que surge a consciência

Leigos e leigas

Força e esperança da Igreja no mundo

Cesar Kuzma



Ouvir os leigos, e leigas, é ouvir a sociedade; inseri-los e formá-los na comunidade eclesial é preocupar-se com o futuro dela e também com o da sociedade civil.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





de estar-no-mundo. Expressa relações familiares como no poema *Os tiranos*: “Joaquim, meu tio, foi imperturbável ditador. / Só uma de minhas primas se atreveu a casar-se”. Sua poesia constantemente faz referência a pai e mãe, expressa saudade, desejos, angústias em meio ao trem que passa por Divinópolis – “foi quando o trem passou / em grande composição”.

Poetizar sobre o cotidiano é versar sobre a rotina, sobre o prosaico, o “pequeno”, o repetitivo. Ações simples adquirem “outros” significados como em *O corpo humano*: “embora ainda não seja santa de levitar / achei no escuro a bolsa de água quente”. O cotidiano é rico de simbolismo, como se dissesse “quem tem olhos para ver que veja!”. A beleza do cotidiano é captada e reproduzida por meio da sua poesia.

“O cotidiano é um grande tesouro – acessível a todo ser humano – e a arte permite revelar o transcendente na vida cotidiana.”

A poesia de Adélia Prado consegue expressar a experiência *grandiosa* de Deus (*mysterium tremendum e fascinans*) sentida e percebida em cenas da vida cotidiana e prosaica. A sua atitude teológica é bem captada pelos constantes vocativos de seus poemas: “Os vocativos / são o princípio de toda poesia [...] convoca-me a voz do amor, / até que eu responda / ó Deus, ó Pai”. Os vocativos também aludem à vocação, ao chamado e à resposta. A missão de Adélia é fazer poesia.

Poeta do mistério e hermeneuta do cotidiano, Adélia nos leva a experimentar os pequenos detalhes da vida como significativos, afinal “qualquer coisa é casa da poesia”. E em meio à rotina diária, aos afazeres domésticos, ainda pode dizer “tudo que eu sinto esbarra em Deus”. Pura mística. Pura poesia. ●

Referências

- BETTO, Frei; BOFF, L. *Mística e espiritualidade*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- CRUZ, S. J. da. *Obras completas*. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.
- OTTO, R. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PAZ, O. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- PRADO, A. *A linguagem mística do cotidiano*. Disponível em: <<http://revistalingua-uol.com.br/textos.asp?codigo=11654>>. Acesso em: 5 jun. 2010.



Patativa do Assaré: uma voz poética e profética do Brasil profundo

Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp*

Gustavo Gutiérrez disse certa vez que a “melhor forma de falar de Deus é por meio da poesia”. Patativa do Assaré fez isso durante toda a sua vida e o realizou com “zelo sacerdotal”, sentindo-se, por assim dizer, vocacionado a proferir uma palavra transformadora. Deus permeia sua obra.

“Eu sei, por experiência,
Pois desde a minha inocência,
Nesta estrada, a Providência
Dirigiu os passos meus.
A vida vivo gozando,
Sempre amando e admirando
As maravilhas de Deus.”

*Patativa do Assaré
Nota introdutória*

Patativa do Assaré, poeta popular. Popular no sentido mais original da palavra, porque poeta do povo. Ele compôs poesia erudita também, fazendo cair por terra os rótulos rígidos, as dicotomias abissais. Para falar de Patativa uma palavra basta: poeta. Poeta que no princípio fora violeiro, repentista, cordelista. E ao longo da vida foi isso tudo junto. Expressões essas oriundas de um saber ancestral que lhe legou a forma primordial da linguagem: a fala. Sua poesia é voz, um eco herdado dos tempos originais.

Envolto no universo da oralidade, desde muito cedo se sentiu vocacionado a ser porta-

*Padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. É mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela UCS (Caxias do Sul-RS). Publicou o livro *Patativa do Assaré, porta-voz de um povo* pela Paulus. É vice-diretor da Fapcom.
E-mail: irabrito@yahoo.com.br



-voz, mediador da palavra. Mensageiro oracular. Recadeiro do “deus”. Qual Hermes grego, um intérprete, veículo da mensagem. Como Homero ou um Profeta bíblico, intermediário e agente do divino. O encargo é o mesmo: portador da linguagem. A audição pela primeira vez da declamação de um cordel abriu-lhe os ouvidos e despertou-lhe a vontade de beleza: poderia explicar o mundo por meio da palavra poetizada. A revelação do belo lhe veio pelos ouvidos. A partir de então nada o detinha na busca por saciar a fome de poesia, a fome de Deus. Daí seus versos fartos, vertidos como que de água limpa de cacimba, nas fontes oásicas do sertão. A marca profética de sua poesia é qual um encargo a serviço de seus pares empobrecidos, a quem sempre devotou palavras de esperança.

1. Poeta profeta sertanejo

Patativa do Assaré foi agricultor-poeta. Na mesma terra em que cultivou o grão de milho, de feijão, a raiz da mandioca, a semente de algodão, também semeou a palavra vital. Vital porque na secura do sertão fez verter “água poética” de vida, de esperança e de beleza por meio de sua voz. Antes de ser “pássaro”¹ e alçar voo pelo mundo da poesia, Patativa é Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), filho de pais agricultores. Nasceu na Serra de Santana, comunidade rural do município da pequena Assaré (cidade a 623 km de Fortaleza), ao sul do Ceará. É o segundo de uma família de cinco irmãos.

1 Batizado com o nome de Antônio Gonçalves da Silva, depois “crismado” como Patativa, uma ave canora do sertão. Essa representação icônica da ave pequenina, de canto mavioso, foi cunhada pelo folclorista cearense José Carvalho de Brito, quando da viagem do jovem poeta ao Norte do país (Pará e Amapá), em 1928.

Aos quatro anos de idade, o pequeno Antônio ficou cego do olho direito, consequência do sarampo e da falta de atendimento médico na longínqua Assaré. Com o passar dos anos, o olho esquerdo vê apenas vultos. Na velhice, cega totalmente. Segundo os dizeres de Zumthor (1993), referindo-se à presença dos cegos no mundo da poesia, eles “atuaram as pulsações profundas

**“A marca profética
de sua poesia é
qual um encargo a
serviço de seus pares
empobrecidos, a
quem sempre devotou
palavras de esperança.”**

que para nós significam, misticamente, figuras como Homero ou Tirésias: aqueles cuja enfermidade significa o poder dos deuses e cuja ‘segunda visão’ entra em relação com o avesso das coisas, homens livres da visão comum, reduzidos a ser para nós só voz pura” (*ibid.*, p. 58). Patativa, aludindo à sua cegueira,

assim declama:

*Nasci dentro da pobreza
E sinto prazer com isto,
Por ver que fui com certeza
Colega de Jesus Cristo.
Perdi meu olho direito
Ficando mesmo imperfeito
Sem ver os belos clarões.
Mas logo me conformei
Por saber que assim fiquei
Parecido com Camões
(CARVALHO, 2002, p. 29-30).*

Consciente da condição de pobre e impossibilitado de *ver os belos clarões*, o poeta expressa autoestima: mostra afinidade com dois personagens de relevância universal: Jesus Cristo e Camões. Um da religião, outro da literatura. Ser colega de Jesus na pobreza e parecer com Camões na cegueira é ter em si a segurança de um dever ou uma responsabilidade a cumprir. O ser pobre neste caso tem qualquer coisa de missão, de encargo; como o Filho de Deus. Parecer com Camões é o



mesmo que dizer: tenho habilidade com a palavra, conheço a língua portuguesa, posso explicar o mundo.

Dessa forma, o “prazer” de ser pobre se traduz na luta, na peleja com a palavra poetizada, anunciando esperança aos seus pares pobres que partilham consigo das mesmas carências, das mesmas “cruzes”. Por isso faz da palavra denúncia contra os que esbanjam e acumulam para si as riquezas, quase sempre fruto do suor das multidões empobrecidas. Faz da palavra ferramenta, sem, no entanto, ser panfletário nem tampouco perder de vista a estética: “Não tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças, que venho notando desde que tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da política falsa, que continua muito fora do programa da verdadeira democracia” (ASSARÉ, 2006, p. 12).

Outro acontecimento marcante na vida de Antônio é a perda do pai. Além de um olho cego, agora a dor da orfandade. “Quando completei oito anos fiquei órfão de pai e tive de trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza” (*ibid.*, p. 11). Com base nisso, imagina-se que essas perdas já na primeira infância tenham sido parte determinante para a formação de um “coração compassivo”, como se desde menino sentisse em si a “dor do mundo” e depois tivesse de expressá-la em versos, fazendo seu também o padecer do outro.

Ainda na infância, bem cedo, uma janela de encantamento e beleza se abre para ele. Trata-se de seu contato com a poesia de cordel e a alfabetização. O horizonte da criação poética se vislumbra à sua frente. O menino Antônio está em meio às vozes da literatura de cordel, que na Serra de Santana “era peça obrigatória em todas as casas. Em quase todos os terreiros, se liam em voz alta as histórias fantásticas deitadas na escrita dos folhetos” (FEITOSA, 2003, p. 57). O poeta relata a “magia” desse acontecimento:

Os sacramentos na Igreja **Subsídio teológico-pastoral** **para formar e educar na fé**

Everaldo Cescon, Paulo César Nodari



128 págs.

O livro auxilia a formação pastoral cristã, iniciando reflexão a respeito de quem é o ser humano e da sua possibilidade de chegar a Deus.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse, que eu visse, que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí dali comecei a fazer versos. Em todos os sentidos. Com diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixo aqui na minha memória. Tudo o que eu tenho, fazia métrica de ouvido. [...] A base era a rima e a medida. A medida do verso, com rima, tudo direitinho. Aí quando eu peguei o livro de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Passos, aí eu melhorei muito mais. Eu já tinha de ouvido, porque já nasci com o dom, não é? (*ibid.*, 39).

Ao entrar em contato com a poesia de cordel, o pequeno Antônio percebe que pode explicar o mundo por meio da palavra: *poderia dizer em versos qualquer coisa que quisesse, que visse, que sentisse*. A partir desse momento de “epifania”, passa a ver o mundo, senti-lo com olhos e tato de poeta. A poesia se torna para ele o espaço da liberdade. Ela será seu “brinquedo” até mesmo nas horas de trabalho na roça. Sim, será distração, mas também peleja, briga, arenga com as palavras, semelhante à luta na batalha pela vida.

Na expressão “fazer versos *em todos os sentidos*” pode estar implícita a revelação de sua capacidade criadora, imaginação fértil, dom de fazer versos “de cabeça” e deixá-los retidos na memória. Quando se refere à

composição de seu poema *A triste partida*, diz: “Passei o dia trabalhando e pensando e deixando retido na memória. No outro dia, quando eu voltei à roça, eu terminei. Comecei como hoje, terminei como amanhã, viu?” (*ibid.*, 48).

Essa habilidade de memorizar é uma marca do poeta. É comum em entrevista ele se referir à capacidade que tinha de deixar

os poemas retidos na memória, sem a necessidade de retoques no papel e a passagem imediata deles para a escrita. Isso certamente exigia exercício, treino intelectual. *A triste partida*, por exemplo, tem 19 estrofes, cada uma com seis versos, totalizando 114. Tudo retido na memória de um dia para o outro.

É como se o poeta nos remetesse à Antiguidade. No panteão grego havia uma divindade de nome Mnemosine, memória. A memória era, pois, algo sobrenatural, divino. Ela tinha o encargo de presidir a função poética. O poeta era seu intérprete. Segundo Vernant (1973, p. 72), a sacralização de Mnemosine marca o preço que lhe é dado em uma civilização de tradição oral como foi a civilização grega. No caso de Patativa, é como se ele atualizasse essa tradição, pondo a memória a serviço da poesia, entregando-se a ela e deixando-se possuir pela “inspiração divina”, qual poeta/profeta do mundo antigo.

Para os gregos, o profeta é um porta-voz, alguém inspirado por um deus e que fala em nome desse deus. No mundo da Bíblia, o sentido é semelhante: “o profeta é um arauto, um porta-voz de alguém que lhe confia uma mensagem, que autoriza sua comunicação e garante sua veracidade” (SILVA, 1998, p. 12). Em hebraico, a palavra profeta é *nābhî*, traduzida do grego *profētēs*. *Nābhî* significa aquele que anuncia ou aque-

“Desse modo, afirma-se que os profetas são também poetas. Sua palavra é a palavra poética, carregada de imagens e símbolos poéticos.”



le que proclama a mensagem de outrem (*idem*). No entanto, os profetas não eram apenas veículos de transmissão da palavra divina. Eles estavam, sim, a serviço dessa palavra, mas não passivamente, como meros repetidores. De acordo com Schökel, “o profeta precisa elaborar os oráculos com o suor da sua frente, como consciencioso artesão da palavra profética” (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1998, p. 16). De modo que, se nas confrarias de aedos e cantores gregos havia o treinamento para o domínio da língua poética, no mundo bíblico também há o esforço de aprimoramento do discurso.

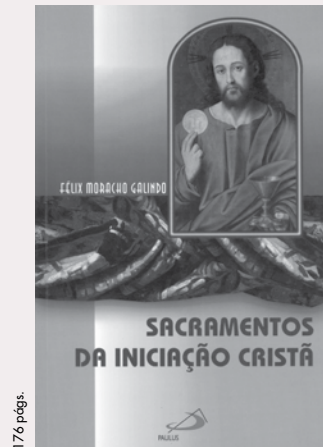
Como ministro da palavra e artista da linguagem, o profeta utiliza linguagem já elaborada, linguagem que ele continua enriquecendo. Na sua língua, emprega formas tradicionais, gêneros conhecidos, esquemas convencionais; toma empréstimos e dá passagem a reminiscências; transforma e adapta cânticos tradicionais ou cria outros à imitação deles. Os profetas são criadores literários no meio de tradição (*idem*).

Desse modo, afirma-se que os profetas são também poetas. Sua palavra é a palavra poética, carregada de imagens e símbolos poéticos. Diz-se que “na história da humanidade houve poucas linguagens tão fecundas quanto a linguagem dos profetas bíblicos” (*ibid.*, p. 17). Além disso, nos dois casos, tanto no mundo grego antigo quanto no mundo bíblico, é a oralidade, é a voz a veste que adorna e sustenta o discurso. E mais, a divindade se utiliza do humano como veículo para que sua palavra se cumpra, realize-se. “A palavra profética era, antes de tudo, acontecimento oral. Jamais os profetas pedem que suas palavras sejam lidas, sempre exigem: ‘ouvi a Palavra do Senhor’” (*ibid.*, p. 18).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que Patativa do Assaré foi um artesão da palavra, bem como um “agente do sagrado”. Não como

Sacramentos da iniciação cristã

Félix Moracho Galindo



176 págs.

Em cada sacramento, Deus intervém entregando-se a nós. Ele nos convida a participar ativamente deste pequeno evento que constitui cada sacramento.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



um sacerdote preso ao templo, mas misturado com os sertanejos. Certa vez ele declarou: “(...) o que eu li com mais prazer sempre eram as pregações de Jesus Cristo, viu? Eram os direitos humanos, o direito de cada um (...). A partir da doutrina de Cristo foi que me veio com muito amor, continuar fazendo verso dentro da verdade e da justiça, defendendo o povo” (CARVALHO, 2002, p. 74). Como porta-voz divino e inspirado por uma mensagem cristã libertadora, o poeta sentia-se no encargo de dizer sua palavra: uma palavra que, segundo seus poemas, tinha origem em Deus: “(...) A minha rima faz parte / Das obras da criação” (ASSARÉ, 2002, p. 27).

2. Sertão bonito

O poeta lançou a semente da poesia a partir do chão sagrado da Serra de Santana, como o semeador da parábola bíblica: uma semente aparentemente pequenina, caindo em terreno bom, produziu muito fruto.

(...)

*Meu verso é como a semente
Que nasce inriba do chão;*

(...)

*Canto as fulô e os abróio
Com todas coisas daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se buli.*

(...)

*Assim que óio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra
(ibid., p. 27-28).*

Nesses fragmentos e no poema todo, é

como se o poeta declamasse um “hino à criação”: rimas, ritmo, canto, tudo é dádiva, é dom supremo. Para o *eu poético* o sertão é belo, é o espaço da contemplação. A poesia está em toda parte: nas flores, nos abrolhos. Ela cai do céu como um dilúvio de rimas em

cima da terra, tornando a paisagem cheia de vida, pois em todo canto “há um verso se bulindo”. Patativa traduz o sertão pela beleza. Em vez de uma imagem de dor, miséria, esterilidade, o sertão é belo, cheio de sonoridade, de vida. Se no sertão existe fome e miséria e outras mazelas, isso se dá noutra ordem: pelo descaso político ou por uma visão deturpada de quem o vê apenas na apa-

rência e do lado de fora. O título mesmo do poema, *Cante lá que eu canto cá*, parece indicar isso, ao que o poeta cobra sua autoridade de cantar o sertão: “(...) a dor só é bem cantada, / cantada por quem padece” (ibid., p. 26).

3. Um tripé: poesia, fé e política

O teólogo peruano e principal mentor da teologia da libertação, Gustavo Gutiérrez, disse certa vez que a “melhor forma de falar de Deus é por meio da poesia”.² Patativa do Assaré fez isso durante toda a sua vida e o realizou com “zelo sacerdotal”, sentindo-se, por assim dizer, vocacionado a dizer uma palavra transformadora: Deus permeia sua obra.

O Deus pronunciado por Patativa, embora revestido de uma linguagem com tons nitidamente cristãos, não se identifica unicamente com um tipo de fé estabelecida. Com liberdade poética, Patativa se permitiu falar do divino de um modo muito livre. E mais: é

² Cf. *Vida Pastoral*, ano 50, n. 266, p. 39, maio-jun. 2009.



de notar que, na totalidade de sua obra, a vida é mais que todos os esquemas estanques, sejam eles relacionados à religião, à literatura ou à política.

A vida é o que conta. Por isso uma poética caracterizada pelo anúncio e pela denúncia. Semelhante a um profeta bíblico, ele clama por justiça em nome dos camponeses pobres, dos operários oprimidos, das crianças famintas, dos discriminados pela miséria, pela cor, pela origem, enfim, sua voz brota de uma realidade que pede atenção aos que são esquecidos e renegados ainda hoje pela história oficial.

Nessa perspectiva, é ilustrativo o poema *Ingratidão*, em que o poeta se põe numa espécie de diálogo aberto com o Cristo, contando-lhe o que se passou com um camponês oprimido:

*A histora do pobre João,
Aconteceu mesmo aqui,
Nesta invejada nação,
Nas terras do meu Brasi.
Sem um raio de esperança
Começou derne criança
A trabaiá no roçado,
Pro causa das consequença
Dos home sem consiença,
Já nasceu sendo agregado
(*ibid.*, p. 192).*

O poema é composto de 19 estrofes, cada uma de dez versos, totalizando 190 versos. Nas sete primeiras estrofes o narrador se concentra no exemplo de Jesus Cristo, dirigindo-se a ele como modelo, por seu padecimento na cruz para o mundo melhorar. Refere-se às suas pregações na Palestina: “de paz, amor e igualdade”. Ressalta que, para provar seu poder, Jesus fez aleijado correr e morto ressuscitar e, além disso, no ápice do sofrimento, perdoou àqueles que o mataram na cruz. O poeta, portanto, situa a figura de Jesus Cristo para finalmente dizer que, apesar de todo esse empreendimento, a humanidade não

Maria, mulher de Deus e dos pobres Releitura dos dogmas marianos

Clara Temporelli



O propósito deste livro é resgatar a figura de Maria a partir da releitura dos dogmas marianos; entender a figura de Maria a partir da fé da Igreja, o desafio do mistério e o desígnio salvífico.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





aprendeu a ser feliz. Aprendeu a desenvolver-se no poder da ciência e até viajar à Lua, mas descuidou na prática do amor.

A certa altura do poema, enquanto João cortava uns galhos secos de um cajueiro, caiu lá de cima e “esbagaçou a bacia” na terra dura, ficando impossibilitado para o trabalho. Se o patrão já era carrasco, ainda mais o será depois de tal acidente: abandona o operário na hora em que mais precisava de socorro. João fica numa situação de total abandono, em quarto de hospital, vivendo verdadeiro calvário, e só conta com ajuda das “mué piedosa”. É interessante esse detalhe da presença da mulher na “via crucis” de João. Na narrativa bíblica, as mulheres estão muito presentes no caminho de Cristo até a crucificação.³ Para completar ainda mais sua situação de abandono, o operário nem sequer tinha “a carterá do sindicato Rurá”. Ou seja, estava totalmente desprovido de qualquer proteção da sociedade e era, portanto, um homem sem cidadania, excluído.

O poeta apresenta o João operário como “outro Cristo” hoje; e o patrão, nomeado no poema como “fazendeiro judeu”, representa o sistema injusto que escraviza pessoas em nome do progresso e só as considera enquanto podem produzir. Dessa maneira, o sofrimento e a dor de alguém nos rincões do sertão, aqui representados na pessoa do operário João, são também o padecimento de quem é pobre e explorado no mundo inteiro. E como quem tem a posse de uma voz necessária, porque portadora da “verdade”,

3 Na tradicional via-sacra celebrada, sobretudo, na Sexta-feira da Paixão há três estações em que as mulheres se fazem presentes: na quarta estação, Jesus se encontra com sua mãe; na sexta estação, Verônica limpa o rosto de Jesus; na oitava estação, Jesus encontra as mulheres de Jerusalém.

o poeta brada noutra composição, intitulada *Eu quero*:

*Eu quero o agregado isento
Do terrível sofrimento,
Do maldito cativoiro,
Quero ver o meu país
Rico, ditoso e feliz
Livre do jugo estrangeiro
(ibid., p. 117).*

Esse poema é também elucidativo do aspecto compassivo da poética patativana, apresentando uma sensibilidade enraizada no sertão que se reveste de força contestatória, tomando para si as dores da comunidade dos que sofrem. Além disso, o poeta, em suas composições e visão de mundo, vislumbra aspectos do cotidiano camponês que, para a multidão, poderiam passar invisíveis, por serem aparentemente secundários e efêmeros. Isso, porém, no olhar do poeta se torna lampejos de inspiração e fonte para a enunciação de uma palavra duradoura. Como ensina Coutinho (2008, p. 84-85):

o poeta é capaz de absorver as experiências dos semelhantes, colocá-las dentro de si, torná-las suas próprias graças à simpatia imaginativa. Destarte, o que ele traduz são os sentimentos da comunidade também, e por isso ele lidera pelo seu canto, que é de todos. O poeta fala não apenas em seu nome, mas exprime os instintos universais da humanidade.

Seria justamente nesse sentido que o poeta de Assaré entoa seu canto, traduzindo nele a dor, o abandono, o “peso da cruz”, bem como a esperança e a alegria que o sertanejo leva dentro de si. No poema ele se personifica num operário oprimido:

Senhô Dotô, meu ofiço



É servi ao meu Patrão,
 Eu não sei fazê comiço,
 Nem discurso e nem sermão
 Nem sei a letra onde mora,
 Mas porém eu quero agora
 Dizê com sua licença
 Uma coisa bem singela
 Que a gente pra dizê ela
 Não precisa de sabença
 (...)

Se a terra foi Deus quem fez,
 Se é obra da criação,
 Deve cada camponês
 Ter um pedaço de chão,
 Quando um agregado solta
 O seu grito de revolta,
 Tem razão de reclamã,
 Não há maió padicê
 De que o camponês vivê
 Sem terra pra trabaia
 (...)

Escute o que eu tô dizendo,
 Seu dotô, seu coronê,
 De fome tão padicendo
 Meus fio e minha muiê,
 Sem briga, questão, nem guerra,
 Meça desta grande Terra
 Uma tarefa pra eu,
 Tenha pena do agregado,
 Não me dêxe diserdado
 Daquilo que Deus me deu
 (ASSARÉ, 2004, p. 141; 143; 145).

Nesse sentido, poesia, fé e política formam um tripé que, embora pareça inconciliável, converge muito bem em Patativa. Por fidelidade à arte da poesia, sempre tomou partido, mas nunca como filiação político-partidária. O partido do poeta era a defesa da vida, tanto a humana quanto a dos animais e da natureza em geral. Sua poesia oral e a passagem desta para a letra mostram uma marca especial do poeta: a sensibilidade para os que mais sofrem. A essa marca se pode atribuir relevante valor humano, religioso, social e político.

Teologia da ternura **Um "evangelho" a descobrir**

Carlo Rochetta



528 págs.

A teologia da ternura supõe a prática da ternura, e proclama que, sem ela, não se cumpre plenamente o Evangelho do amor.

Vendas: (11) 3789-4000
 0800-164011
 SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





O poeta faleceu em 8 de julho de 2002, aos 93 anos, deixando grande legado poético e profético, porque prenhe de vontade de um mundo conforme a vontade de Deus.

Nota conclusiva

Com beleza e também peleja, Patativa desde cedo passou a ver o mundo por meio da poesia. Mundo pequeno e também grande. Pequeno, se considerado apenas o espaço geográfico, uma vez que o poeta não foi homem de longas viagens: nunca foi ao exterior. Pelo que se sabe, viajou a algumas cidades do Brasil em eventos culturais. Seu mundo é humano e a natureza é a origem de sua inspiração. Qual menestrel a cantou, em sua aldeia e nos arredores. Foi cantor de sua terra. Por meio da literatura de cordel, descobriu a força da palavra.

O sentido religioso e até filosófico que se pode tirar dessa característica visão de mundo é que o homem não é capaz de tudo. Há um “mistério” no começo, no meio e no fim de sua vida, que ele não pode domar. Em essência, é uma “força” que move a existência, não somente humana, mas de todo o universo. Em Patativa, somente Deus pode tudo.

Conhecer Patativa e sua obra é conhecer um pouco mais do Brasil, usando uma expressão do próprio Patativa: o “Brasil de baixo”. A obra do poeta pode ser bastante relevante na pastoral. Apreciar sua poesia é entrar em contato com uma expressão artística que nasce da força, da resistência e da criatividade peculiar do “mundo dos simples”. Para Patativa, o destino de todas as coisas está em Deus. Nele tudo parece começar e terminar no mistério. ●

Referências

- ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulus, 1988.
- ASSARÉ, Patativa do. *Aqui tem coisa*. São Paulo: Hedra, 2004.
- _____. *Cante lá que eu canto cá*. 13ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Digo e não peço segredo*. Organização e prefácio de Tadeu Feitosa. São Paulo: Escrituras, 2001.
- _____. *Inspiração nordestina*. São Paulo: Hedra, 2006.
- BRITO, A. I. A. de. *Patativa do Assaré, porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra*. São Paulo: Paulus, 2010.
- CARVALHO, G. de. *Patativa Poeta Pássaro do Assaré*. 2ª. ed. Fortaleza: Omni, 2002.
- COUTINHO, A. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FEITOSA, L. T. *Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*. São Paulo: Escrituras, 2003.
- SILVA, A. J. da. *A voz necessária: encontro com os profetas do século VIII a.C.* São Paulo: Paulus, 1998.
- VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: Difel, 1973.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Roteiros homiléticos

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Nascido na Bélgica, reside há muitos anos no Brasil, onde leciona desde 1972. É doutor em Teologia e mestre em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina. Atualmente é professor de Exegese Bíblica na Faje, em Belo Horizonte. Dedicar-se principalmente aos seguintes assuntos: Bíblia – Antigo e Novo Testamento (tradução), evangelhos (especialmente o de João) e hermenêutica bíblica. Entre outras obras, publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *A Palavra se fez livro*; *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis – anos A-B-C*; *Ser cristão*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*; *Síntese dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*.



Pe. Johan Konings, sj*

3º DOMINGO DA PÁSCOA
(4 de maio)

A experiência de Emaús

I. Introdução geral

A liturgia do segundo domingo pascal apresentou a comunidade apostólica e sua fé em Jesus Cristo ressuscitado. Agora, o terceiro domingo apresenta a mensagem que essa comunidade anunciou ao mundo, a pregação dos apóstolos nos primórdios da Igreja: o “querigma”. A perspectiva do anúncio universal é criada pela antífona da entrada, com o Salmo 66[65],1-2: “Aclamai a Deus, toda a terra”, enquanto a oração do dia evoca a renovação espiritual dos que creem e recebem a condição de filhos de Deus.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 2,14a.22-33)

A primeira leitura apresenta o “querigma” apostólico, o anúncio – no discurso de Pedro em Pentecostes – da ressurreição de Jesus e de sua vitória sobre a morte. É o protótipo da pregação apostólica. Suprimida a introdução do discurso, por ser a leitura de Pentecostes (At 2,15-21), a leitura de hoje se inicia com o v. 22, anunciando que o profeta rejeitado ressuscitou, cumprindo as Escrituras (Sl 16[15],8-10). Não se trata de ver aí uma realização “ao pé da letra”, mas de reconhecer nas Escrituras antigas a maneira de agir de Deus desde sempre, a qual se realiza num sentido “pleno” em Jesus Cristo. Ou melhor: naquilo que se vê em Jesus, aparece o sentido profundo e escondido das antigas Escrituras. O importante nesse querigma é o anúncio da ressurreição como sinal de que Deus “homologou” a obra de Jesus e lhe deu razão contra tudo e todos. Isso é atestado não só por testemunhas humanas, mas também pelo testemunho de Deus mesmo, na Escritura. O Salmo 16[15], por exemplo, originalmente a prece de quem sabe que Deus não o entregará à morte, encontra em Cristo sua realização plena e inesperada. Esse salmo é também o salmo responsorial de hoje e terá de ser devidamente valorizado.

2. II leitura (1Pd 1,17-21)

Na segunda leitura, continua a leitura da 1Pd iniciada no domingo passado. Jesus Cristo é visto como aquele que nos conduz a Deus. Sua morte nos remiu de um obsoleto modo de viver. Por meio de Cristo, ou seja, quando reconhecemos e assumimos a validade do seu modo de viver e de morrer, chegamos a crer verdadeiramente em Deus e o conhecemos como aquele que ressuscita Jesus, aquele que dá razão a Jesus e “endossa” a sua obra. Isso modifica nossa vida. Desde o nosso

batismo, chamamos a Deus de Pai; mas ele é também o Santo que nos chama à santidade (1Pd 1,16; cf. Lv 19,2). O sacrifício de Cristo, Cordeiro pascal, obriga-nos à santidade. Os últimos versículos desta leitura (v. 19-21) constituem uma profissão de fé no Cristo, que desde sempre está com Deus: ele nos fez ver como Deus verdadeiramente é, e por isso podemos acreditar que Deus nos ama.

3. Evangelho (Lc 24,13-35)

O evangelho é preparado pela aclamação, que evoca o ardor dos discípulos ao escutar a Palavra de Deus (cf. Lc 24,32). Trata-se da narrativa dos discípulos de Emaús (lida também na missa da tarde no domingo da Páscoa). A homilia pode sublinhar diversos aspectos.

1) “Não era necessário que o Cristo padecesse tudo isso para entrar na glória?” (Lc 24,26). Cabe parar um momento junto ao termo “o Cristo”. Não é apenas de Jesus como pessoa que se trata, mas de Jesus enquanto Cristo, Messias, libertador e salvador enviado e autorizado por Deus. Não se trata apenas de reconhecer a vontade divina a respeito de um homem piedoso, mas do modo de proceder de Deus no envio de seu *representante*, o “Filho do homem” revestido de sua autoridade (cf. Dn 7,13-14), que deve levar a termo o caminho do sofrimento e da doação da vida (cf. Lc 9,22.31).

2) Jesus “lhes explicou, em todas as Escrituras, o que estava escrito a seu respeito” (Lc 24,27). Em continuidade com a primeira leitura, podemos explicitar o tema do cumprimento das Escrituras. As Escrituras fazem compreender o teor divino do agir de Jesus. Enquanto os discípulos de Emaús estavam decepcionados a respeito de Jesus, fica claro agora que, apesar da aparência contrária, Jesus agiu certo e realizou o projeto de Deus. As Escrituras testemunham isso. Jesus assumiu e levou a termo a maneira de ver e de sentir de Deus que, embora de modo escondido, está representada nas antigas Escrituras. Ele assumiu a linha fundamental da ex-



periência religiosa de Israel e a levou à perfeição, por assim dizer. Mas só foi possível entender isso depois de ele ter concluído a sua missão. Só à luz da Páscoa foi possível que as Escrituras se abrissem para os discípulos (cf. também Jo 20,9; 12,16).

3) Reconheceram-no ao partir o pão (cf. Lc 24,31 e 35). A experiência de Emaús nos faz reconhecer Cristo na celebração do pão repartido. Na “última ceia”, o repartir o pão fora reinterpretado, “ressignificado”, pelo próprio Jesus como dom de sua vida pelos seus e pela multidão (Lc 22,19); e à comunhão do cálice que acompanhava esse gesto, Jesus lhe dera o sentido de celebração da nova e eterna aliança (Lc 22,20). Assim puderam reconhecê-lo ao partir do pão. Mas o gesto de Jesus na casa dos discípulos significava também a rememoração do gesto fundador que fora a Última Ceia, a primeira ceia da nova aliança. Desde então, esse gesto se renova constantemente e recebe de cada momento histórico significações novas e atuais. Que significa “partir o pão” hoje? Não é apenas o gesto eucarístico; é também o repartir o pão no dia a dia, o pão do fruto do trabalho, da cultura, da educação, da saúde... Os discípulos de Emaús, decerto, não pensavam num mero rito “religioso”, mas em solidariedade humana. Ao convidarem Jesus, não pensaram numa celebração ritual, mas num gesto de solidariedade humana: que o “peregrino” pudesse restaurar as forças e descansar, sem ter de enfrentar o perigo de uma caminhada noturna. O repartir o pão de Jesus é situado na comunhão fraterna da vida cotidiana. Esse é o “aporte” humano que Jesus ressignifica, chamando à memória o dom de sua vida.

III. Dicas para reflexão: Entender as Escrituras e partir o pão

A liturgia de hoje nos conscientiza de que Jesus, apesar – e por meio – de seu sofrimen-

A teologia da libertação em perspectiva

VVAA



Este livro pretende contribuir com a elaboração da agenda e das tarefas futuras da teologia na América Latina e Caribe, a partir de uma perspectiva libertadora.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ilustração: [ilustração]



to e morte, é aquele que realiza plenamente o que a experiência de Deus no Antigo Testamento já deixou entrever, aquilo que se reconhece nas antigas Escrituras quando se olha para trás à luz do que aconteceu a Jesus. Ao tomarmos consciência disso, brota-nos, como nos discípulos de Emaús, um sentimento de íntima gratidão e alegria (“Não ardia o nosso coração...?” [Lc 24,32]) que invade a celebração toda, especialmente quando, ao partir o pão, a comunidade experimenta o Senhor ressuscitado presente no seu meio.

A saudade é a benfazeja presença do ausente. Quando alguém da família ou uma pessoa querida está longe, a gente procura se lembrar dessa pessoa. É o que aconteceu com os discípulos de Emaús. Jesus fora embora... mas, sem que o reconhecessem, estava caminhando com eles. Explicava-lhes as Escrituras. Mostrava-lhes o veio escondido do Antigo Testamento que, à luz daquilo que Jesus fez, nos faz compreender ser ele o Messias: os textos que falam do Servo Sofredor, o qual salva o povo por seu sofrimento (Is 52-53); ou do Messias humilde e rejeitado (Zc 9-12); ou do povo dos pobres de Javé (Sf 2-3) etc. Jesus ressuscitado mostrou aos discípulos de Emaús esse veio, textos que eles já tinham ouvido, mas nunca relacionado com aquilo que Jesus andou fazendo... e sofrendo.

Isso é uma lição para nós. Devemos ler a Sagrada Escritura por intermédio da visão de Jesus morto e ressuscitado, dentro da comunidade daqueles que nele creem. É o que fazem os apóstolos na sua primeira pregação, quando anunciam ao povo reunido em Jerusalém a ressurreição de Cristo, explicando os textos que, no Antigo Testamento, falam dele, como mostra a primeira leitura de hoje. *Para a compreensão cristã da Bíblia, é preciso ler a Bíblia na Igreja, reunidos em torno de Cristo ressuscitado.*

O que aconteceu em Emaús, quando Jesus abriu as Escrituras aos discípulos, é parecido com a primeira parte de nossa celebra-

ção dominical, a liturgia da Palavra. E muito mais parecido ainda com a segunda parte, o rito eucarístico: Jesus abençoa e parte o pão, e nisso os discípulos o reconhecem presente. Desde então, a Igreja repete esse gesto da fração do pão e acredita que, neste, Cristo mesmo se torna presente.

Emaús nos ensina as duas maneiras fundamentais de ter Cristo presente em sua ausência: *ler as Escrituras* à luz de sua memória e *celebrar a fração do pão*, o gesto pelo qual ele realiza sua presença real, na comunhão de sua vida, morte e ressurreição. É a presença do Cristo pascal, glorioso – já não ligado ao tempo e ao espaço, mas acessível a todos os que o buscam na fé e se reúnem em seu nome.

4º DOMINGO DA PÁSCOA

11 de maio

Jesus, a porta de pastores e ovelhas

I. Introdução geral

O quarto domingo pascal é conhecido, na pastoral, como o domingo do Bom Pastor. A oração do dia é inspirada por esse tema (a fraqueza/fragilidade do rebanho e a fortaleza do Pastor). Porém, desde a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, o conjunto literário do “Bom Pastor”, no Evangelho de João, foi repartido pelos três anos do ciclo, A, B e C. Neste ano A, a leitura do evangelho não apresenta, propriamente, a parábola do Bom Pastor (Jo 10,11-18, evangelho do ano B), e sim o trecho anterior, *a parábola da porta e dos pastores* (Jo 10,1-10). Essa parábola dá ensejo à exploração de outros temas que não os tradicionais, para que, segundo o desejo do concílio, seja “ricamente servida” a mesa da Palavra.



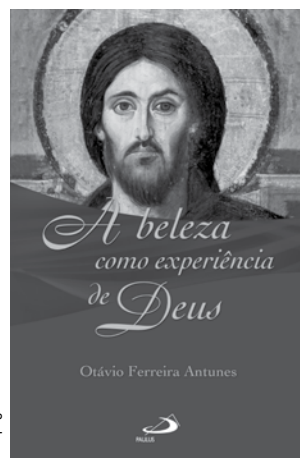
II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 2,14a.36-41)

A primeira leitura é a continuação da pregação missionária de Pedro que já ouvimos no domingo anterior. Apresenta-se o querigma cristão e a conversão, o que combina bem com o espírito da Páscoa como celebração do batismo. Pedro conscientiza os judeus de Jerusalém de que Jesus, rejeitado e morto por eles, foi por Deus constituído Senhor e Cristo (v. 36). Essa pregação provoca o arrependimento (*metanoia*) no coração dos ouvintes: convertem-se e aderem ao círculo dos discípulos (v. 37-41). O povo de Israel é agora obrigado a optar, e não só Israel, mas também os que o Senhor chamou “de longe”, os não israelitas (v. 39; cf. Is 57,19). Parte da população de Jerusalém se converte, então, àquilo que Pedro anunciou. Essa conversão pode reter, hoje, a nossa atenção. É o protótipo da adesão à Igreja em todos os tempos. Nós estamos acostumados a nascer já batizados, por assim dizer. Mas isso não quer dizer que nos tenhamos convertido para aderir a Cristo na sua Igreja. Pensemos naquela multidão que, pouco antes, desconhecia ou até desprezava o caminho e a atitude de Jesus de Nazaré e, ativa ou passivamente, havia concordado com sua crucifixão. Agora que Pedro, pela força do Espírito, lhes mostra que essa vida (de Jesus) foi certa e por Deus coroada, eles deixam acontecer no seu coração a verdadeira *metanoia*, a “revirada” do coração. Em virtude daquilo que lhes foi pregado a respeito do Cristo, mudam sua maneira de ver, sua escala de valores. Essa *metanoia* é o passar pela porta que é Cristo, como diz o evangelho, o recusar-se a ladrões e assaltantes, que se apresentam sem passar por ele. É aderir a nada que não seja conforme Cristo, marcado por sua vida e situado no seu caminho. Será que nós fizemos essa conversão?

A beleza como experiência de Deus

Otávio Ferreira Antunes



168 págs.

O objetivo desta obra é mostrar que a arte, como comunicação das experiências mais profundas do ser, é a própria contemplação do mistério.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ilustração: Mariana da Silva



2. II leitura (1Pd 2,20b-25)

Pedro ensina os que vivem na condição de escravo ou servo (cf. 1Pd 2,18) a trilhar os passos de Jesus Cristo pastor. Assemelhado ao Servo Padecente de Deus (cf. Is 52-53), Cristo deu, no seu sofrer, o exemplo da paciência. A imagem das ovelhas perdidas, no v. 25, corresponde à imagem do pastor, ao qual o rebanho se confia pelo batismo. Ele nos abre o caminho certo: não o da violência opressora, mas o da justiça que, para se provar verdadeira, não se recusa a sofrer.

3. Evangelho (Jo 10,1-10)

O evangelho de hoje é a parábola da porta do rebanho e dos pastores. No contexto anterior, a história do cego (Jo 9), os fariseus mostraram ser os verdadeiros cegos. Eles deveriam ser os pastores de Israel, mas não o são. Em continuidade direta com esse episódio – pois não há nenhuma nova indicação de cenário –, Jo 10 mostra quem não é e quem é o verdadeiro pastor. Os vv. 1-5 narram uma parábola: a cena campestre do redil comunitário, onde entram e saem os pastores e as ovelhas, mas onde também entram, por vias escusas, os assaltantes, para roubar e matar. As autoridades judaicas não entendem a parábola (v. 6), pois só entende quem crê em Cristo. Em seguida, nos vv. 7-18, a parábola é explicada em dois sentidos: Jesus é a porta (vv. 7-10), Jesus é o pastor (vv. 11-18). No trecho lido hoje, é apresentada a parábola introdutória e a primeira explicação: Jesus Cristo é a *porta*. Por ele, entram os pastores verdadeiros, por ele são conduzidas as ovelhas até os prados onde encontrarão vida. Antes dele vieram pessoas que entravam e saíam, não pela porta, mas por outro lugar: eram assaltantes, conduziam as ovelhas para a perdição, para tirar-lhes a vida. Pouco importa quem sejam esses assaltantes – Jesus parece pensar nos mestres judeus de seu tempo –, não os devemos seguir. O que importa é a mensagem positiva: que passemos pela porta que é Jesus Cristo. Só o caminho que passa por

ele é válido. Essa porta se situa, portanto, na comunidade dos fiéis a Cristo. Na comunidade que representa o Cristo, depois da ressurreição, encontramos o que nos serve para sempre; teremos o mesmo acesso ao Pai que os apóstolos encontraram na pessoa de Jesus (cf. Jo 14,6-9). Jesus com a sua comunidade é a porta que dá acesso ao Pai. Jesus dá acesso ao caminho da salvação tanto aos pastores, para entrarem, quanto aos rebanhos, para saírem rumo às pastagens. Onde há vida, é por Cristo que chegamos a ela (cf. Jo 14,6). O prefácio da Páscoa II (Cristo, nosso guia para a vida nova) e a oração final (proteção e “prados eternos” para o rebanho) dão continuidade a esse tema.

III. Dicas para reflexão: A salvação por meio de Jesus

O tempo pascal é um tempo de reflexão sobre a realidade de nosso batismo e de nossa fé. Ora, nosso batismo não é real sem *metanoia*, sem mudança de caminho, para conscientemente passar por Cristo. O batismo por conveniência não tem nada que ver com a conversão implicada no batismo verdadeiro.

Conversão como reconhecimento do que está errado e adesão a Cristo como escolha do caminho certo, eis o que nos propõe a liturgia de hoje. Mas, apesar de certa austeridade nessas considerações, temos também o testemunho da gratificação vital que essa conversão a Cristo nos traz. No contexto em que vivemos, podemos, porém, fazer uma pergunta: a salvação vem só por Cristo?

A parábola e sua primeira explicação (Jesus, a Porta) nos ensinam que pastor, mesmo, é só quem passa através de Jesus e faz o rebanho passar por ele. O sentido fundamental da pastoral é ir às pessoas por Cristo e conduzi-las através dele ao verdadeiro bem. As maneiras podem ser muitas: antigamente, talvez, usavam-se modos mais paternalistas; hoje, modos mais participativos. Mas pode-se chamar de pastoral uma mera ação social ou política? Por mais impor-



tante que seja, ainda não é, de per si, ação pastoral cristã. Para ser pastoral cristã, a atuação precisa ser orientada pelo projeto de Cristo, que ele nos revelou, dando sua vida por nós.

Nessa ótica, os pastores devem *ir* aos fiéis (não aguardá-los de braços cruzados), através de Cristo (não através de mera cultura ou ideologia), para conduzi-los a Deus (não apenas à instituição que é a Igreja), fazendo-os passar por Cristo, ou seja, exigindo adesão à prática de Cristo. Os fiéis devem discernir se seus pastores não são “ladrões e assaltantes”, e o critério para discernir é este: se chegam através de Cristo e fazem passar os fiéis por ele.

A julgar pelas palavras do Novo Testamento, parece que *toda a salvação passa por Cristo*. Mas isso deve ser entendido num sentido inclusivo, não exclusivo. Todo caminho que verdadeiramente conduz a Deus, em qualquer religião e na vida de “todos aqueles que procuram de coração sincero” (Oração Eucarística IV), passa, de fato, pela porta que é Jesus. Dirigido, provavelmente, a pessoas que já aderiram à fé em Jesus, o Evangelho de João ensina: *não precisam procurar a salvação fora desse caminho*. Isso vale ser repetido para os cristãos de hoje. Por outro lado, não é preciso que todos confessem o Cristo explicitamente para encontrar a salvação. Basta que, nas opções da vida, optem pela prática que foi, de fato, a de Cristo. Agir como Cristo é a salvação. E é a isso que a pastoral deve conduzir.

5º DOMINGO DA PÁSCOA

18 de maio

Jesus, Caminho, Verdade e Vida

I. Introdução geral

A liturgia de hoje deve ser contemplada à luz da leitura evangélica, tomada de João.

Diaconia da Palavra O ministério e a missão do diácono permanente

Julio Cesar Bendinelli



248 págs.

Este livro propõe reflexão sobre o serviço do diácono permanente e o sentido de seu ministério da Palavra no campo da evangelização, formação dos discípulos missionários de Jesus Cristo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ilustrações: Mariana Mendes



Essa leitura, junto com o prólogo de João, fornece, como veremos, a chave da mensagem do Quarto Evangelho: a manifestação de Deus em Jesus Cristo. Por outro lado, a primeira e a segunda leituras dirigem nosso olhar para a comunidade nascida da fé em Jesus, a Igreja. Por isso, a dinâmica da homilia poderá desdobrar-se na ordem inversa das leituras, pois o que o evangelho faz entrever é a base daquilo que as leituras evocam.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 6,1-7)

A primeira leitura continua a narração dos primórdios da jovem comunidade nos tempos depois da Páscoa e Pentecostes. A caridade cria novas tarefas, porque o crescimento da comunidade tinha trazido um novo problema. Além dos convertidos do judaísmo tradicional de Jerusalém, entraram convertidos do “judeu-helenismo”, judeus helenizados, que viveram nas cidades comerciais do Mediterrâneo, ou pagãos convertidos, prosélitos, que tinham aderido ao judaísmo e agora passavam à comunidade cristã. A entrada dessas pessoas, que não pertenciam aos clãs tradicionais, tornou necessário um novo serviço na comunidade: a organização da assistência às viúvas desse grupo e do “ministério dos pobres” em geral, ao lado dos apóstolos, que serão em primeiro lugar servidores da Palavra e fundadores de comunidades.

2. II leitura (1Pd 2,4-9)

A segunda leitura casa bem com a primeira. Fala do mistério da Igreja, templo de pedras vivas, sustentadas pela pedra de armo que é Jesus Cristo, “pedra angular rejeitada pelos construtores” (1Pd 2,7; cf. o salmo pascal, Sl 118[117],22). Em 1Pd 2,9, a Igreja é chamada pelo título por excelência do povo

de Israel segundo Ex 19,6, “sacerdócio régio”, sacerdócio do Reino. Assim como o povo de Israel foi escolhido por Deus para celebrar a sua presença no meio das nações, assim a Igreja é o povo sacerdotal, escolhido por Deus para santificar o mundo. Ela é chamada a ser o “sacramento do Reino”, sinal e primeira realização do Reino no mundo. Com essas imagens, Pedro destaca a dignidade e responsabilidade dos que receberam o batismo na noite pascal. Graças ao Concílio Vaticano II, valorizamos agora melhor esse *sacerdócio dos fiéis*, que designa a *santificação do mundo como vocação do povo de Deus* como tal, isto é, de todos os que podem ser chamados de “leigos” (em grego, *laós* = povo; nesse sentido, também os membros da hierarquia são “leigos”!). Como o sacerdote santifica a oferta, assim todos os que levam o nome cristão devem *santificar o mundo* pelo exercício responsável de sua vocação específica, na vida profissional, no empenho pela transformação da sociedade, na humanização, na cultura etc. Tal “sacerdócio dos fiéis” não entra em concorrência com o sacerdócio ministerial, pois este é o serviço (“ministério”) de santificação dentro da comunidade eclesial, aquele é a missão santificadora da Igreja no mundo, como tal. O sacerdócio dos fiéis significa que a Igreja, como comunidade, e todos os fiéis pessoalmente, em virtude de seu batismo, recebem a missão de santificar o mundo, continuando a obra de Cristo.

3. Evangelho (Jo 14,1-12)

No domingo passado, Cristo foi chamado a “porta das ovelhas”. No evangelho de hoje, vemos com maior clareza por que Cristo é o acesso ao Pai: Caminho, Verdade e Vida. O sentido desses três termos, que constituem uma unidade (o Caminho da Verdade e da Vida), é apresentado mediante pequena encenação. Jesus inicia sua despedida (Jo 13,31-17,26) dizendo que sua partida é necessária: ele vai preparar um lugar para seus

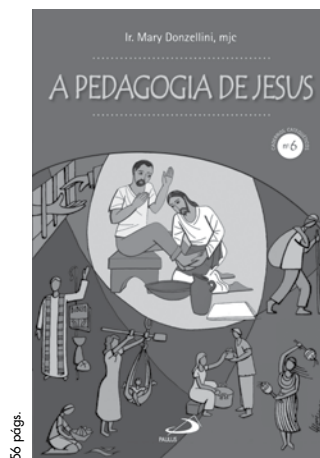


discípulos. Quando Jesus sugere que eles conhecem o caminho, Tomé, o cético, responde que não o conhecem. Então, Jesus explica que ele mesmo é o caminho da Verdade e da Vida, o caminho pelo qual se chega ao Pai. Na Bíblia, caminho e caminhar significam muitas vezes o modo de proceder. O caminho ou caminhar reto é o que hoje chamaríamos de moral ou virtude. Portanto, se Jesus chama a si mesmo de caminho, não se trata de algo teórico, uma doutrina, mas de um modo de viver. É vivendo como Jesus viveu que conhecemos o seu caminho e encontramos a vida e a verdade às quais ele nos conduz (v. 6a). Se, pois, ele diz que ninguém vai ao Pai senão por ele (v. 6b), não está proclamando uma ortodoxia que exclui os que não confessam o mesmo credo, mas dá a entender que os que chegam ao conhecimento/experiência de Deus são os que praticam o que ele, em plenitude, praticou: o amor e a fidelidade até o fim. E isso pode acontecer até fora do credo cristão.

Depois da pergunta de Tomé, temos a pergunta de Filipe: “Mostra-nos o Pai, isso nos basta” (Jo 14,8). Ora, qualquer judeu piedoso, qualquer pessoa piedosa, quer conhecer Deus – que Jesus costuma chamar de Pai. Porém, diz João no prólogo de seu evangelho, ninguém jamais viu a Deus (Jo 1,18). Agora, Jesus explica a Filipe: “Quem me viu, viu o Pai”. Nesse momento, quando (segundo a contagem judaica) já se iniciou o dia de entregar a vida por amor até o fim, Jesus revela que, nele, contemplamos Deus. Nosso perguntar encontra nele resposta; nosso espírito, verdade; nossa angústia, a fonte da vida. Nesse sentido, ele mesmo é o caminho que nos conduz ao Pai e, ao mesmo tempo, a Verdade e a Vida que se tornam acessíveis para nós. “O Unigênito, que é Deus e que está no seio do Pai, no-lo fez conhecer” (Jo 1,18). Jesus não falou assim quando realizava seus “sinais”: o vinho de Caná, o pão para a multidão, nem mesmo a cura do cego ou a revivi-

A pedagogia de Jesus

Ir. Mary Donzellini, mjc



A autora quer, por meio de leitura simples e clara, ajudar os catequistas a se reencantarem por Jesus Cristo, levando-os a transformar a catequese.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ilustrações: Maria Helena de Oliveira



ficção de Lázaro. Pois o sentido último para o qual a atuação de Jesus apontava não era fornecer vinho ou pão, ou substituir um médico ou curandeiro, mas manifestar o amor do Pai, o Deus-Amor.

Trata-se de ver a Deus em Jesus Cristo na hora de sua entrega por amor. Para saber como é Deus, o Absoluto da nossa vida, não precisamos contemplar outra coisa senão a existência de Jesus de Nazaré, “existência para os outros”, na qual Deus imprimiu seu selo de garantia, no coroamento que é a ressurreição. Muitas vezes, tentamos primeiro imaginar Deus para depois projetar em Jesus algo de divino (geralmente, algo de bem pouco humano...). Devemos fazer o contrário: olhar para Jesus de Nazaré, para sua vida, para sua palavra e sua morte, e depois dizer: assim é Deus – isso nos basta (cf. Jo 14,8-9). E isso é possível porque Jesus, trilhando até o fim o caminho que ele mesmo é, assumindo ser a “graça e a verdade” (Jo 1,14), o amor e a fidelidade de Deus até o fim, mostra Deus assim como ele é, pois “Deus é amor”, diz o mesmo João em sua primeira carta (1Jo 4,8.16). Podemos dizer, com Paulo, que Jesus é o rosto do Pai, a perfeita imagem dele (cf. Cl 1,15). Assim como Jesus procede, Deus é. Ele está no Pai e o Pai está nele (Jo 14,11), e quem a ele se une fará o que ele fez, e mais ainda, agora que ele se vai para junto do Pai (14,12) e deixa, por assim dizer, o campo aberto para a ação dos que creem nele, animados pelo Espírito-Paráclito (14,13-17, continuação do texto de hoje).

III. Dicas para reflexão: A manifestação de Deus- Amor em Cristo e em sua comunidade

Para o cristão, o gesto de amor e fidelidade de Jesus até o fim é a suprema revelação de Deus. Não podemos, nesta existência ter-

rena, conhecer a Deus em si. Ele é “o além de nossos horizontes”. Mas ele se manifesta a nós no justo e santo, aquele que faz sua vontade e lhe pertence por excelência, Jesus de Nazaré. Mais exatamente: quando este, “na carne” (cf. 1Jo 4,2), leva a termo o amor e a fidelidade (“a graça e a verdade”, Jo 1,14), os traços fundamentais de Deus já manifestados no seu agir em relação a Israel (veja, por exemplo, Ex 34,6). Jesus, Palavra de Deus “acontecendo em carne” (cf. Jo 1,14), não se limita a um só povo. Toda a carne humana é assumida nesse homem, que vive o amor e a fidelidade de Deus até o fim, de modo que o que se pode dizer de Deus é isto: “Deus é amor”. Amor que ama primeiro e é conhecido em Jesus, mas também quando amamos nossos irmãos (1Jo 4,10-12).

Aí entra o pensamento acerca da comunidade eclesial, que constitui o segundo grande tema deste domingo. Como Cristo encarnou o que Deus fundamentalmente significa para a humanidade – amor radical –, sua comunidade é chamada a manifestar essa mesma realidade de Deus ao mundo. Aí está sua santa vocação, seu sacerdócio, de que participam todos os que foram batizados em Cristo (e, assim, no Pai e no Espírito). Ser cristão não é simplesmente proclamar um credo ou pertencer a uma instituição, mas encarnar o Deus-Amor trilhando o “caminho” que é Jesus.

6º DOMINGO DA PÁSCOA

25 de maio

O Espírito plenifica nosso batismo

I. Introdução geral

A liturgia do sexto domingo pascal nos introduz na esfera de Pentecostes, aprofundando o significado da ressurreição de Cristo para



nós. Pois, se a ressurreição é a vida de Cristo na glória, ele não a vive para si. Ele “ressuscitou por nós” (Oração Eucarística IV). A realização da ressurreição em nós, a presença vital do Cristo em nós, de tal modo que sejamos Cristo no mundo de hoje, o Espírito de Deus é que opera tudo isso, pela força de seu sopro de vida, pela luz de sua sabedoria, pelo misterioso impulso de sua palavra, pelo ardor de seu amor. Para completar a celebração da ressurreição, devemos abrir-nos agora para que esse Espírito penetre em nós.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 8,5-8.14-17)

Na linha dos domingos anteriores, a primeira leitura descreve a expansão da Igreja, agora na Samaria. Também nessa nova fase, como na anterior, aparece o papel do Espírito Santo na comunidade cristã. Quando os apóstolos em Jerusalém ouviram que a Samaria tinha aceitado a Palavra de Deus, mandaram Pedro e João para impor as mãos a esses batizados, para que recebessem o Espírito Santo (At 8,14-15). Tal prática não era necessária: há casos em que Deus derrama o Espírito mesmo antes do batismo (At 10,44-48). Mas, de toda maneira, a presente narração nos mostra que a vida cristã não é completa sem a efusão do Espírito Santo, que os apóstolos impetravam pela imposição das mãos. O Espírito une a todos, ele é o Espírito da unidade; por isso, os apóstolos de Jerusalém vão impor as mãos aos batizados da Samaria. Um resquício disso é, ainda hoje, a visita do bispo diocesano às paróquias para conferir o sacramento da crisma, prefigurado nesta leitura de At 8. Daí dizermos que, se a Páscoa foi o tempo liturgicamente propício para o batismo, a festa de Pentecostes, que se aproxima, é o momento propício para a crisma.

Catolicismo e sociedade contemporânea **Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II**

Ney de Souza, Paulo Sérgio Lopes Gonçalves



O Concílio Vaticano II não é algo que repentinamente acontece na história; mas evento de recepção histórica em relação à tradição conciliar da igreja, ao Concílio Vaticano I e seus desdobramentos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ilustrações: Emanuel de Oliveira



2. II leitura (1Pd 3,15-18)

A segunda leitura nos conscientiza de que estamos em litúrgia com o mundo (cf. o evangelho). O mundo pede contas de nós, mas é a Deus que devemos prestar contas. Isso, porém, não nos exime de responder ao mundo a respeito de nossa esperança (v. 15). E essa esperança está fundada na ressurreição de Cristo. O mundo pode matar, como matou Jesus. Mas, no Espírito que fez viver o Cristo (v. 18), viveremos. Essa leitura traz a marca da teologia do martírio (melhor padecer fazendo o bem do que fazendo o mal). Porém, não devemos interpretá-la num sentido fatalista (“Deus o quer assim...”), e sim num sentido de firmeza, porque o cristão sabe que Cristo é mais decisivo para ele que os tribunais do mundo.

3. Evangelho (Jo 14,15-21)

O presente domingo continua, no evangelho, a meditação das palavras de despedida de Jesus. E essa meditação introduz – duas semanas antes de Pentecostes – o tema do Espírito Santo, que João chama “o Paráclito”, ou seja, o “assistente judicial” no processo movido contra o cristão pelo “mundo” (termo com o qual João indica os que recusaram o Cristo). O “mundo” indiciou o Cristo e seus discípulos diante do tribunal (perseguições etc.). Nessa situação, precisamos do Advogado que vem de Deus mesmo e toma o lugar do Cristo (por isso, Jesus diz: um *outro* Paráclito; Jo 14,16), já que seu testemunho vem da mesma fonte, o Pai. Graças a esse Paráclito, a despedida de Jesus não nos deixa numa situação de órfãos (v. 18). Jesus anuncia para breve seu desaparecimento deste mundo; o mundo não mais o verá. Mas os fiéis o verão, pois estão nele, como ele está neles. Tudo isso com a condição de guardar sua palavra e observar seu mandamento de amor: na prática da caridade, ele fica presente no meio de nós, e seu Espírito nos assiste. E o próprio Pai nos ama.

III. Dicas para reflexão: A iniciação cristã e a crisma

Os domingos depois da Páscoa sugerem o aprofundamento do sentido do batismo. Na mesma linha podemos considerar hoje o sacramento da crisma, que, com o batismo e a eucaristia, integra a iniciação cristã. Nas origens, o sacramento da crisma era administrado junto com o batismo, e ainda hoje sobra um resquício disso na unção pós-batismal. Quando, porém, se introduziu o costume de batizar as crianças, a confirmação e a eucaristia ficaram proteladas para um momento ulterior, geralmente no início da adolescência, pelo que a crisma adquiriu o significado de “sacramento do cristão adulto”.

No tempo de nossos avós, o dia da crisma era ocasião muito especial para as comunidades, quando o bispo vinha “confirmar” as crianças (hoje, muitas vezes, é o vigário episcopal que faz isso). De onde vem esse costume? Na primeira leitura, lemos que o diácono Filipe batizou novos cristãos na Samaria. Depois, vieram os apóstolos Pedro e João de Jerusalém para *confirmar* os batizados, impondo-lhes as mãos para que recebessem o Espírito Santo. Assim, os apóstolos, predecessores dos bispos, completaram e “confirmaram” o batismo. A confirmação do batismo pela imposição das mãos do bispo – sucessor dos apóstolos – completa o batismo e realiza o dom do Espírito Santo.

Esse sacramento chama-se “crisma”, isto é, “unção”, porque o bispo unge a fronte do crismando em sinal da dignidade e da vocação do cristão, pois *crisma* e *Cristo* vêm da mesma palavra. O adolescente ou jovem é confirmado na sua fé, pelo dom do Espírito. Agora, ele terá de assumir pessoalmente o que, quando do batismo, os pais e padrinhos prometeram em seu nome. Para a comunidade, a celebração da crisma significa também a unidade das diversas comunidades locais



na “Igreja particular” ou diocese, graças à presença do bispo ou do vigário episcopal.

O evangelho de hoje nos ensina algo mais sobre o Espírito que Jesus envia aos seus: é o Espírito da inabitação (morada) de Deus e Jesus Cristo nos fiéis. Assim, o batismo não é mera associação de pessoas em redor do rótulo “Jesus Cristo”, mas realmente participação em sua vida e continuação de sua missão neste mundo. Por isso, o Espírito não é algo sensacionalista, como às vezes se imagina. Jesus envia o Espírito para que os fiéis continuem sua obra no mundo. Pois o lugar de Jesus “na carne” era limitado, no tempo e no espaço, e os fiéis são chamados a ampliar, com a força do Espírito-Paráclito, a sua obra pelo mundo afora. É esse o sentido profundo da crisma, que assim completa nosso batismo.

Então, a vida do cristão adulto assinalada pelo sacramento da crisma consiste sobretudo na *mística* de união com o Pai e com o Filho pelo Espírito que vive em nós e na *ética* ou modo de proceder que provenha dessa presença de Deus em nós e testemunhe, diante do mundo, a vida de Cristo, presente em nós. Ele, pela ressurreição na força do Espírito-sopro de Deus, foi estabelecido Senhor na glória. O mundo não mais o vê, mas em nossa vida de cristãos, prestes a responder por nossa esperança, realiza-se a presença de seu amor.

ASCENSÃO DO SENHOR

1º de junho

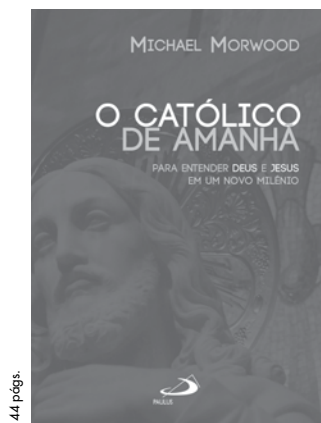
A exaltação, o senhorio de Cristo e a evangelização

I. Introdução geral

Quarenta dias depois da Páscoa, a Igreja celebra a Ascensão do Senhor. Na realidade, o

O católico de amanhã Para entender Deus e Jesus em um novo milênio

Michael Morwood



A obra apresenta fascinante esboço da cosmologia contemporânea, que liga a mensagem de Jesus e a espiritualidade de Pentecostes ao mundo em que vivemos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





que se celebra hoje é bem mais do que uma aparição na qual Jesus é elevado ao céu. É toda a realidade de sua glorificação que celebramos, aquilo que os primeiros cristãos chamaram de “estar sentado à direita do Pai”. Assim, a última aparição de Jesus aos apóstolos aponta para uma realidade que ultrapassa o quadro da narração. Por isso, não precisamos preocupar-nos em “harmonizar” a ascensão segundo At 1,1-11, em Jerusalém (I leitura), com a de Mt 28,16-20, na Galileia (evangelho). Pode tratar-se de duas aparições, dois acontecimentos diferentes, que têm o mesmo sentido: Jesus, depois de sua ressurreição, não veio retomar sua atividade de antes na terra (cf. sua advertência a Maria Madalena em Jo 20,17) nem implantar um reino político de Deus no mundo, como muitos achavam que ele deveria ter feito (cf. At 1,6). Não. Jesus realiza-se agora em outra dimensão, a dimensão de sua glória, de seu senhorio transcendente. A atividade aqui na terra, ele a deixa para nós (“Sede as minhas testemunhas... até os confins da terra” [At 1,8]), e nós é que devemos reinventá-la a cada momento. Na ressurreição, Jesus volta a nós, não mais “carnal”, mas em condição gloriosa, para nos animar com seu Espírito (At 1,8; Mt 16,20; cf. Jo 14,15-20, evangelho do domingo passado).

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 1,1-11)

A primeira leitura narra a ascensão de Jesus e a missão dos apóstolos segundo o livro dos Atos dos Apóstolos. Os dias entre a Páscoa e a ascensão formam “o retiro de preparação para o desabrochar da Igreja”: 40 dias, como os 40 dias de Moisés e de Elias no Horeb, como os 40 anos de Israel no deserto. Nesses dias, Jesus deu as últimas instruções aos seus: a promessa do Espírito e a missão de evangelizar. Os discípulos não devem ficar

olhando o céu, mas deverão levar a mensagem de Jesus ao mundo inteiro, “até os confins da terra” (At 1,8), e para isso receberão a força do Espírito. Até o Senhor voltar, sua Igreja será missionária.

2. II leitura (Ef 1,17-23)

Na exaltação do Cristo, revela-se a força de Deus. A carta aos Efésios se inicia com um hino de louvor (vv. 2-10), seguido por um enunciado sobre o plano da salvação (vv. 11-14) e uma súplica pelos fiéis (vv. 15-19), que se expande numa proclamação dos grandes feitos de Deus em Cristo (vv. 20-23). Essa súplica e contemplação constituem a leitura de hoje. Deus ressuscitou Jesus e o fez cabeça da Igreja e do universo. A Igreja é seu “corpo”, ela o torna presente no mundo, ela é a presença atuante de Cristo no mundo. Celebrando a glorificação do Cristo, tomamos consciência de nossa própria vocação à glória. Também a oração do dia e os prefácios próprios falam nesse sentido.

Nestes tempos de “diminuição” da Igreja, podemos encontrar nessa leitura uma perspectiva maior e um ânimo mais firme. Cristo se completa em sua Igreja, e esta encontra no Senhor ressuscitado e glorioso a sua firmeza. Não há por que ficarmos medrosos e desanimados.

3. Evangelho (Mt 28,16-20)

O evangelho é o final do Evangelho de Mateus. Traz as últimas palavras do Senhor ressuscitado: a despedida de Jesus e a missão dos apóstolos. Tudo isso à luz da compreensão que Mateus tem do evangelho. No início do evangelho, Jesus é entendido como aquele que realiza o sentido pleno da profecia do “Emanuel”, Deus-conosco (Mt 1,23). Depois, Mt 4,15-16 ressaltou que a atuação desse “Emanuel” se iniciou na “Galileia dos gentios”, primeiro destinatário da mensagem da salvação, realizando assim o sentido pleno de Is 8,23-9,1. Mas, durante sua missão terres-



tre, Jesus se restringiu a ovelhas perdidas de Israel (Mt 10,5-6). Agora, na cena final (28,16-20), o Senhor glorioso transcende os limites de Israel. Suas palavras finais significam o universalismo da missão dos apóstolos e da expansão da Igreja. Todos os povos serão discípulos de Cristo (assinalados pelo batismo). O fim do Evangelho de Mateus revela o sentido universal de todo o ensinamento nele consignado (cf. sobretudo o Sermão da Montanha, Mt 5-7).

Assim, ao celebrarmos a entrada de Jesus na glória, *não celebramos uma despedida, mas um novo modo de presença*; celebramos que ele é, realmente, o Emanuel, o Deus-conosco, para sempre e para todos (Mt 28,20). Esse novo modo de presença é um aperitivo da realidade final: assim como ele entra na sua glória, isto é, como Senhor glorioso, assim ele voltará, para concluir o curso da história (cf. At 1,11). Pouco importa como a gente imagina isso, o sentido é que, desde já, Jesus é o Senhor do universo e da história (cf. o salmo responsorial, Sl 47[46]) e nós, obedientes a sua palavra, colaboramos com o sentido definitivo que ele estabelece e há de julgar.

III. Dicas para reflexão: O senhorio de Jesus e a evangelização

Temos o costume de considerar a ascensão de Jesus (como também a ressurreição) principalmente como um milagre. Mas o sentido principal desse fato é o que exprimem os termos “exaltação” ou “enaltecimento”, a entronização de Jesus na glória de Deus. Esses termos, evidentemente figurativos, significam o seguinte. Os donos deste mundo haviam jogado Jesus lá embaixo (se não fosse José de Arimateia a sepultá-lo, seu corpo teria terminado na vala comum...). Mas Deus o colocou lá em cima, “à sua direita”. Deu-lhe o “poder” sobre o universo não só como “Filho

Mariologia social **O significado da Virgem para a Sociedade**

Clodovis Boff, OSM



728 págs.

A obra apresenta a pesquisa sobre o significado especificamente social ou público de Maria nos vários planos: histórico, bíblico, magisterial, dogmático e da devoção popular.

Integra a coleção de ilustrações.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





do homem”, no fim dos tempos (cf. Mc 14,62), mas, desde já, por meio da missão universal daqueles que na fé aderem a ele. E nós participamos desse poder, pois Cristo não é completo sem o seu “corpo”, que é a Igreja, como nos ensina a II leitura.

Com a ascensão de Jesus, começa o tempo para anunciá-lo como Senhor de todos os povos. Mas não um senhor ditador! Seu “poder” não é o dos que se apresentam como donos do mundo. Jesus é o Senhor que se tornou servo e deseja que todos, como discípulos, o imitem nisso. Mandou que os apóstolos fizessem de todos os povos discípulos seus (evangelho). Nessa missão, ele está sempre conosco, até o fim dos tempos.

O testemunho cristão, que Jesus nos encomenda, não é triunfalista. É fruto da serena convicção de que, apesar de sua rejeição e morte infame, “Jesus estava certo”. Essa convicção se reflete em nossas atitudes e ações, especialmente na caridade. Assim, na serenidade de nossa fé e na vivência radical da caridade, damos um testemunho *implícito*. Mas é indispensável o testemunho *explícito*, para orientar o mundo àquele que é a fonte de nossa prática, o “Senhor” Jesus.

A ideia do testemunho levou a Igreja a fazer da festa da Ascensão o *dia dos meios de comunicação social* – a “mídia”: imprensa, rádio, televisão, internet. Para uma espiritualidade “ativa”, a comunidade eclesial deve se tornar presente na mídia. Como é possível que num país tão “católico” como o nosso haja tão pouco espírito cristão na mídia e tanto sensacionalismo, consumismo e até militância maliciosa em favor da opressão e da injustiça?

Ao mesmo tempo, para a espiritualidade mais “contemplativa”, o dia de hoje enseja um aprofundamento da consciência do “senhorio” de Cristo. Deus elevou Jesus acima de todas as criaturas, mostrando que ele venceu o mal mediante sua morte por amor e dando-lhe o poder universal sobre a humanidade e a história. Por isso, a Igreja re-

cebe a missão de *fazer de todas as pessoas discípulos de Jesus*.

Uma ideia que permeia a liturgia deste dia (como de todo o tempo pascal) e se exprime na oração sobre as oferendas e na oração depois da comunhão é que o cristão deve viver com a mente no céu, comungando na realidade da glorificação do Cristo. Essa participação é novo modo de presença junto ao mundo; não uma alienação, mas, antes, o exercício do senhorio escatológico sobre este mundo. Viver com a mente junto ao Senhor glorioso não nos dispensa de estar com os dois pés no chão; significa encarnar, neste chão, aquele sentido da história e da existência que em Cristo foi coroado de glória.

PENTECOSTES

8 de junho

A Igreja, o Espírito e a unidade

I. Introdução geral

Pentecostes é a plenificação do mistério pascal: a comunhão com o Ressuscitado é completada, levada à plenitude, pelo dom do Espírito, que continua em nós a obra do Cristo e sua presença gloriosa. A liturgia de hoje acentua a manifestação histórica do Espírito no milagre de Pentecostes (I leitura) e nos carismas da Igreja (II leitura), sinais da unidade e da paz que o Cristo veio trazer. Isso porque a pregação dos apóstolos, anunciando o Ressuscitado, supera a divisão de raças e línguas e porque a diversidade de dons na Igreja serve para a edificação do povo unido, o Corpo do qual Cristo é a cabeça. Ambos os temas, a diversidade das línguas e a unidade no Espírito, alimentam a reflexão de hoje.

No antigo Israel, Pentecostes era uma festa agrícola (primícias da safra, no hemisfério



setentrional). Mais tarde, foi relacionada com o êxodo, evento salvífico central da memória de Israel, no sentido de comemorar a proclamação da Lei no monte Sinai. Tornou-se uma das três grandes festas em que os judeus subiam em romaria a Jerusalém (as outras são Páscoa e Tabernáculos). Foi nessa festa que se deu a “explosão” do Espírito Santo, a força que levou os apóstolos a tomar a palavra e a proclamar, diante da multidão reunida de todos os cantos do judaísmo, o anúncio (“querigma”) de Jesus Cristo. Seria errado pensar que o Espírito tivesse sido dado naquele momento pela primeira vez. Deus envia sempre seu Espírito, e o evangelho (de João) nos ensina que Jesus comunicou de modo especial o Espírito no próprio dia da Páscoa (cf. também o evangelho do segundo domingo pascal). O Espírito está sempre aí. Mas foi no dia de Pentecostes que essa realidade se manifestou ao mundo na forma do querigma cristão, aparecendo em forma de línguas e reparando a “confusão babilônica”.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 2,1-11)

A primeira leitura narra o milagre das línguas no dia de Pentecostes, interpretado como acontecimento escatológico à luz da profecia de Jl 3 (cf. At 2,16-21). Mas é, sobretudo, o cumprimento da palavra do Cristo (Lc 24,49; At 1,4; cf. Jo 14,16-17.26). O sopro do Espírito se faz perceber como um vendaval ao ouvido, como fogo aos olhos. Realiza a transformação do “pequeno rebanho” – os apóstolos reunidos no cenáculo em torno de Maria – em Igreja missionária. Todos ouvem o anúncio do Crucificado-Ressuscitado na língua que eles entendem. Assim acontece também hoje. A Igreja do Cristo se reconhece pelo espaço que ela dá ao Espírito e pela capacidade de proclamar sua mensagem.

A arte no cristianismo Fundamentos, linguagem, espaço

Cláudio Pastro



Este livro traz os mais belos trabalhos de arte sacra, além de reflexões sobre o espaço sagrado, o binômio arte-beleza, a iconografia cristã, a figura de Cristo e temas ligados à Igreja e à arte.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





2. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13)

A segunda leitura ensina a unidade do Espírito na diversidade dos dons. “Jesus é o Senhor”, assim soa a profissão de fé que une a Igreja (cf. Fl 2,9-11). E essa profissão só consegue manter-se na força do Espírito (1Cor 12,3; cf. Rm 10,9). O mesmo Espírito que produz a unidade da profissão de fé dá também a multiformidade dos serviços na Igreja. Todos os que pertencem a Cristo são membros diversos do mesmo Corpo (cf. Rm 12,3-8; Ef 4,4-6). Se a primeira leitura mostra mais o que o Espírito causa para fora (a missão proclamadora), a segunda evoca mais a obra “intraeclesial” do Espírito (para dentro): do mesmo Espírito provém a multiformidade dos dons, comparada às múltiplas funções que movimentam um mesmo corpo. Paulo chama isso de “carismas”, dons da graça (de Deus); pois sabemos muito bem que tal unidade na diversidade não é algo que vem de nossa ambição pessoal (a qual, normalmente, só produz divisão). É o Espírito do amor de Deus que tudo une.

3. Evangelho (Jo 20,19-23)

Esse evangelho, que retoma em parte o do segundo domingo pascal, descreve o dom do Espírito feito pelo Cristo ressuscitado. Celebramos a Sexta-Feira Santa, Páscoa e Pentecostes em três dias diferentes, mas a realidade é uma só: a “exaltação” de Cristo na cruz e na glória, fonte do Espírito que ele nos dá. Se Lucas descreve a *manifestação* do Espírito no anúncio no quinquagésimo dia da ressurreição (I leitura), João descreve o *dom* do Espírito no próprio dia da ressurreição de Jesus. Essa, de fato, é a visão joanina da “exaltação” ou “enaltecimento” de Jesus: sua morte, ressurreição e dom do Espírito constituem uma realidade única, pois sua morte é a obra em que Deus é glorificado, e seu lado aberto é a fonte do Espírito para os fiéis (Jo 7,37-39; 19,31-37). Jesus aparece aos seus, identifica-se pelas

marcas de sua paixão e morte e comunica-lhes a sua paz, que ele prometera (cf. 14,27). Então, concede-lhes o dom do Espírito, que os capacita para tirar o pecado do mundo, ou seja, para continuar a missão salvadora do próprio Jesus (cf. 1,29.35). O mundo ressuscita com Cristo, pelo Espírito dado à Igreja.

III. Dicas para reflexão: Laço de amor da nova criação

O Espírito do Senhor exaltado é o laço do amor divino que nos une, que transforma o mundo em nova criação sem mancha nem pecado, na qual todos entendem a voz de Deus. É essa a mensagem da liturgia de hoje. O mundo é renovado conforme a obra de Cristo, que nós, no seu Espírito, levamos adiante. Nesse sentido, é a festa da Igreja que nasceu do lado aberto do Salvador e manifestou sua missão no dia de Pentecostes. Igreja que nasce não de organizações e instituições, mas da força graciosa (“carisma”) que Deus infunde no coração e nos lábios. A festa de hoje nos ajuda, assim, a entender o que é “renovação carismática”: não uma avalanche de fenômenos de um movimento religioso, mas o espírito da unidade, do perdão e da mútua solidariedade que ganha força decisiva na Igreja. O Espírito Santo é a “alma” da Igreja, o calor de nossa fé e de nossa comunhão eclesial.

Pentecostes, festa do “Divino” Espírito Santo, é oportunidade para entender melhor uma realidade central de nossa fé: o Espírito de Deus, que nos é dado em virtude de nossa fé em Jesus Cristo. O ponto de partida pode ser o Evangelho de João, que narra como, no próprio dia da Páscoa, Jesus glorioso comunica aos apóstolos, da parte do Pai, o Espírito Santo, para que exerçam o poder de perdoar os pecados. Pois Jesus é “o Cordeiro que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), e os discípulos devem continuar essa missão.

São Lucas, na I leitura, dos Atos dos Apóstolos, distingue diversos momentos. No



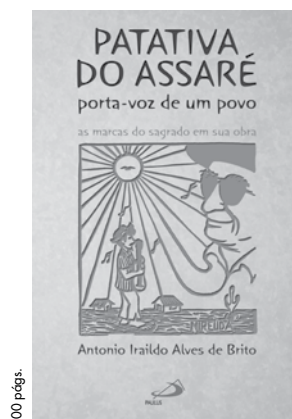
seu evangelho e no início do livro dos Atos, descreveu a Páscoa da ressurreição e a ascensão do Senhor Jesus como entrada na glória, com a manifestação do Espírito Santo ocorrendo poucos dias após, mais exatamente 50 dias depois da Páscoa, no Pentecostes (que significa “quinquagésimo dia”). Nesse dia, em que a religião de Israel comemora o dom da Lei no monte Sinai, descem sobre os apóstolos como que línguas de fogo, para que eles proclamem o evangelho a todos os povos, representados em Jerusalém pelos romeiros da festa, que ouvem a proclamação cada qual em sua própria língua.

Entre os primeiros cristãos, os de Corinto gostavam demais do “dom das línguas”, pelo qual eles podiam exclamar frases em línguas estranhas. Mas Paulo os adverte de que os dons não se devem tornar fonte de desunião. Os fiéis, com sua diversidade de dons, devem completar-se, como os membros de um mesmo corpo (II leitura). No milagre de Pentecostes, um falava e todos entendiam (em sua própria língua). No “dom das línguas”, ou glossolalia, corre-se o perigo de que todos falem e ninguém entenda. Por isso, Paulo prefere um falar que todos entendam (ler 1Cor 14).

Nós hoje somos chamados a renovar o milagre de Pentecostes: *falar uma língua que todos entendam, a linguagem da justiça e do amor*. É a linguagem de Cristo, e é uma “língua de fogo”! Aliás, o evangelho nos lembra que a primeira finalidade do dom do Espírito é tirar o pecado do mundo (Jo 20,22-23). A linguagem do Espírito é a linguagem da justiça e do amor. Por outro lado, devemos reconhecer a enorme diversidade de dons no único “corpo” da Igreja. Somos capazes de considerar as nossas diferenças (pastorais, ideológicas etc.) como mútuo enriquecimento? Pomo-las em comum? O diálogo na diversidade pode ser um dom do Espírito muito atual.

Patativa do Assaré: porta-voz de um povo **As marcas do sagrado em sua obra**

Antonio Iraldo Alves de Brito



Expressões oriundas do saber ancestral, que lhe legaram a forma primordial da linguagem: a fala. A partir de então, nada o detinha na busca por saciar a fome de poesia.

Ilustração: Maria Helena Ilustrações

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Santíssima Trindade

15 de junho

0 Deus de amor

I. Introdução geral

O tempo pascal põe-nos diante dos olhos a unidade da obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Cristo veio cumprir a obra do Pai e nos deu seu Espírito, para que ficássemos nele e mantivéssemos o que ele fundou, renovando-o constantemente, nesse mesmo Espírito. Assim, a festa de hoje vem completar o tempo pascal, como uma espécie de síntese. Síntese não intelectual (isso seria como a história, atribuída a santo Agostinho, da criança que queria colocar o mar num pequeno poço na areia), mas “misterial”, isto é, celebrando a nossa participação na obra das pessoas divinas. Se a oração do dia, hoje, implora pela perseverança na verdadeira fé, não visa à fé meramente dogmática, mas à adesão ao mistério que se apresenta no Pai, no Filho e no Espírito Santo. O cristão se caracteriza por não conhecer outro Deus exceto aquele que é o Pai de Jesus Cristo e doador do Espírito que animou Jesus e os seus, presente e atuante nas três “pessoas” que constituem sua realidade divina, o “acontecer de Deus” em nossa vida, na história e no universo.

Para compreender bem o espírito desta liturgia, convém aproximar a primeira leitura do evangelho, como faremos a seguir.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Ex 34,4b-6.8-9)

A primeira leitura é uma das páginas mais impressionantes e, literalmente, “reveladoras” da Bíblia. Depois do episódio do bezerro de ouro e da idolatria de Israel, Moisés pediu a

Deus que se mostrasse, para que ele, Moisés, pudesse continuar seu caminho contando com sua presença (Gn 33,12-23). Então, ao passar diante de Moisés, Deus revela seu íntimo, apresentando-se como Deus misericordioso e fiel (34,1-7). Deus é compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e fidelidade (v. 6). Diante desse Deus, sentimos o peso do pecado, mas também o desejo de ser seus (v. 9). Assim, o “Deus do Antigo Testamento” não é um Deus castigador, como muitas vezes se diz. Sua bondade ultrapassa de longe sua “vingança” (cf. 34,7, infelizmente suprimido no texto litúrgico). O “castigo” de Deus – o próprio mal que se vingava por suas consequências – tem fim, sua misericórdia não. Não há oposição entre o Deus do Antigo Testamento e o do Novo. É verdade que o Antigo Testamento não oferecia uma visão completa sobre Deus; Moisés só pôde ver Deus de costas (Ex 33,23), de modo que João tem razão quando diz que ninguém jamais viu Deus, mas o Filho unigênito o deu a conhecer (Jo 1,18), pois quem vê Jesus, vê Deus mesmo (Jo 14,9). Mas o Deus do Antigo Testamento é o mesmo Deus do Novo. Deus é um só: o Deus de amor (1Jo 4,8.16). Nós é que temos, às vezes, uma visão muito parcial dele. Em Cristo, ele se deu a conhecer como aquele que ama o mundo até entregar por ele seu próprio Filho (cf. o evangelho).

2. Evangelho (Jo 3,16-18)

O evangelho alude ao sacrifício de Isaac. Abraão estava disposto a sacrificar seu “filho unigênito” – sua única chance de ter um herdeiro. Assim, Deus deu ao mundo seu Filho unigênito. A obra de Cristo é o plano do amor do Pai para com o mundo. Quem o aceita na fé está salvo. O Deus que em Jesus Cristo se manifesta (cf. Jo 1,18) é o Deus da “graça e verdade” (cf. Jo 1,14.16-17), o que se pode traduzir também, conforme a índole da língua hebraica, por “amor e fidelidade”, as qualidades de Deus conforme a primeira leitura. Se na



primeira leitura se falou da autorrevelação do Deus misericordioso e fiel diante de Moisés, o evangelho evoca que o amor de Deus se revela no dom de seu Filho único. O amor une Pai e Filho na mesma obra salvadora (Jo 3,16). Jesus conhece o interior de Deus (Jo 3,11) e o mostra (Jo 14,9). Deus se dá ao Filho e, diante disso, o mundo pode encontrar a salvação, a superação de suas contradições e a soltura das cadeias em que se encontra – em última análise, as cadeias do egoísmo. Assim, o ser humano é chamado a aproximar-se da luz, mas há quem se agarre às suas próprias obras, que não aguentam a luz do dia (Jo 3,19-21).

O mistério que nos envolve, hoje, é o da unidade do Pai e do Filho, no seu amor para o mundo (compare Jo 3,16 com 1Jo 3,16). Essa unidade no amor para dentro e para fora, Agostinho a identificou com o Espírito Santo, o Espírito de amor e de unidade que, faz oito dias, celebramos em Pentecostes.

3. II leitura (2Cor 13,11-13)

A segunda leitura concentra a atenção sobre aquilo que a Trindade opera nos fiéis: a graça do Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo – tal como se repete numa das fórmulas de saudação no início da celebração eucarística. O mistério de Cristo na Igreja só se entende considerando a atuação das três pessoas divinas: o amor de Deus, que se manifesta na graça (no dom) de Jesus Cristo e opera na comunhão do Espírito, o qual anima a Igreja desde a ressurreição. O resultado é: alegria. Nesse final da segunda carta aos Coríntios, Paulo condensa toda a sua teologia. O mistério da Santíssima Trindade não está longe. Estamos envolvidos nele.

Daí ser bem adequada a saudação final, pela qual Paulo deseja aos fiéis o Deus da paz e pede que se saúdem com o “beijo santo” (o nosso “abraço da paz”) no nome das três pessoas divinas, caracterizadas por ele como segue: o Filho, graça; o Pai, amor; o Espírito, comunhão.

Paulo para os conquistados Reimaginando a missão de Paulo

Davina C. Lopez



Com imagens do mundo antigo e análises incisivas de escritos, os estudos paulinos ganham ainda mais em qualidade e comprometimento com a história do Apóstolo das Gentes.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ilustração: Mariana da Silva



III. Dicas para reflexão: Amor e fidelidade

Uma pista para a atualização desta mensagem: nosso povo simples é muito comunicativo; partilha a tal ponto seus bens, pensamentos e sentimentos, que, às vezes, não faz diferença falar com fulano ou com sicrano – falando com um, fala-se com o outro. Falar com o filho da casa é a mesma coisa que falar com o pai: duas pessoas distintas, mas a “causa” (“o negócio”) é a mesma. Assim acontece também com as três pessoas divinas; que seja o Pai, o Filho ou o Espírito, a “causa” comum delas é sempre o que elas são, seu próprio ser: amor e fidelidade.

Para muitas pessoas, também as cristãs, a Santíssima Trindade não passa de um problema de matemática: como pode haver três pessoas divinas em um só Deus? Parece que esse mistério nada tem a ver com a vida delas. Se a Trindade fosse um problema matemático, deveríamos procurar uma “solução”. Na realidade, não se trata de uma fórmula matemática, mas de um resumo de duas certezas de nossa fé: 1) Deus é um só; 2) o Pai, o Filho e o Espírito Santo são Deus. Isso nos convida à “contemplação” do mistério de Deus. Pois um mistério não é para o colocarmos dentro da cabeça, mas para colocar a cabeça (e a pessoa toda) nele...

Moisés (primeira leitura) invoca o nome de Deus: “SENHOR, Deus misericordioso e clemente, lento para a ira, rico em amor e fidelidade...”. São essas as primeiras qualidades de Deus. Deus é um Deus que ama. Jesus (evangelho) revela em que consiste a manifestação maior do amor de Deus para com o mundo: ele deu o seu Filho único, que quis morrer por amor a nós. O Pai e o Filho estão unidos num mesmo amor por nós. Em sua carta, João retoma o mesmo ensinamento: “Foi assim que o amor de Deus se manifestou entre nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo, para que tenhamos a vida por ele” (1Jo 4,9).

Assim, tanto no Antigo Testamento como no Novo, Deus é conhecido como “amor e fide-

lidade”. Essas são as qualidades que se manifestam com toda a clareza em Cristo (a “graça e verdade” de que fala Jo 1,14). Em Jesus, Deus se manifesta como comunhão de amor: o Pai, Jesus e o Espírito que age no mundo, esses três estão unidos no mesmo amor por nós. Um solitário não ama. Deus não é um ancião solitário. *Deus é amor* (1Jo 4,8), *pois ele é comunidade em si mesmo*, amor que transborda até nós.

Se Deus é comunidade de amor, também nós devemos sê-lo, nele. Se tanto ele nos amou, a ponto de enviar seu Filho, que deu sua vida por nós, também nós devemos dar a vida pelos irmãos, amando-os com ações e de verdade (cf. 1Jo 3,16-18). No amor que nos une, realizamos a “imagem e semelhança de Deus”, a vocação de nossa criação (Gn 1,26).

O conceito clássico do ser humano é ser individualista. Mas isso não é cristão... Se Deus é comunidade, e nós também devemos sê-lo, não realizamos nossa vocação vivendo só para nosso sucesso individual, propriedade privada e liberdade particular. A Trindade serve de modelo para o homem novo, que é comunhão. Devemos cultivar os traços pelos quais o povo se assemelha ao Deus Trindade: bondade, fidelidade, comunicação, espírito comunitário etc.

Como pode haver três pessoas em um só Deus? Pelo mistério do amor, que faz de diversas pessoas um só ser. Deus é comunidade, e nós também devemos sê-lo.

CORPUS CHRISTI

19 de junho

Comunhão com o dom de Cristo

I. Introdução geral

Como que prolongando a atmosfera pascal, atmosfera do mistério de nossa redenção pelo Senhor morto e glorificado, a Igreja quer



celebrar de modo mais expressivo o sacramento pelo qual participamos da doação até o fim de seu corpo e sangue, conforme a palavra de Jesus na Última Ceia.

A festa de Corpus Christi não é veneração supersticiosa de um pedacinho de pão nem simplesmente ocasião para procissões triunfalistas pelas ruas. É comprometimento pessoal e comunitário com a vida de Cristo, dada por amor até a morte. É o memorial da morte e ressurreição do Cristo, como diz a oração do dia, mas não é um mausoléu. É memorial vivo, no qual assimilamos em nós o Senhor mediante a refeição da comunhão cristã, saboreando um antegosto da glória futura (cf. a oração depois da comunhão e a bela oração *O sacrum convivium*, de santo Tomás de Aquino). Merece atenção ainda a oração sobre as oferendas, inspirada na *Didaqué* e em 1Cor 10,17, utilizando o simbolismo do trigo e da uva reunidos até formarem pão e vinho para exprimir a unidade da Igreja em Cristo. Pois a festa de Corpus Christi é também a festa do seu Corpo Místico, a Igreja, que ele nutre e leva à unidade da mútua doação.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Dt 8,2-3.14b-16a)

A primeira leitura serve para preparar o reto entendimento do sinal do pão, ao qual o evangelho faz alusão. Já em Dt 8,3, o dom do maná, do “pão caído do céu”, é interpretado num sentido não material, mas teologal: o ser humano vive de tudo que sai (da boca) do Senhor – sua palavra, sua Lei. Ora, a Palavra por excelência é Jesus Cristo. “Foi Deus quem te alimentou no deserto...”: o maná era símbolo da completa dependência de Israel de Javé, no deserto; e também do amor e da fidelidade de Javé. A recordação disso – um jarro com o maná era conservado no santuário

Deus e sua criação Doutrina de Deus, doutrina da criação

Renold Blank



No centro desta obra, encontra-se uma doutrina de Deus que documenta, em estreita relação com a Bíblia e, principalmente, com Jesus de Nazaré, o interesse de Deus pelos seres humanos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





rio (Ex 16,33-34) – serve de guia para a história (Dt 8,2.14). O caminho do deserto era um ensaio de toda a história salvífica, um teste em que Deus quis mostrar seus dons a seu povo, como os continua mostrando (Dt 8,16b). Não provindo da tecnologia humana, o maná significa que o ser humano vive da Palavra e da iniciativa de Deus.

2. II leitura (1Cor 10,16-17)

Na II leitura, Paulo lembra – talvez utilizando algum hino dos primeiros cristãos – que o “cálice da bênção” (*beraká*, “brinde sagrado”) e o pão repartido na assembleia cristã são participação e comunhão do sangue e do corpo do Senhor. Essa participação, ou “mistério”, faz-nos reviver a doação do Cristo e realizá-la em nossa vida. E essa comunhão do único pão nos torna o único Corpo do Cristo. Na ceia eucarística, comungamos da existência (corpo) e morte (sangue) de Cristo. Sendo uma só essa vida que comungamos, formamos um só corpo também. Dizer isso não é um jogo de palavras: quem despreza o “corpo de Cristo” (a Igreja), ao participar da ceia de seu Corpo sacramentado, exclui-se a si mesmo da comunhão da vida (1Cor 11,29). Quem comunga em Cristo não pode comungar com os ídolos de qualquer tipo (1Cor 10,14), e sabemos que não faltam ídolos de todo tipo em nossa sociedade. Não o consumo de tudo que se nos oferece, mas a comunhão do corpo de Cristo é nossa vocação.

3. Evangelho (Jo 6,51-58)

O evangelho de Corpus Christi é o final do “sermão do Pão da Vida” segundo o Evangelho de João. Depois da multiplicação dos pães, Jesus explicou o sentido do “sinal” que acabou de fazer: ele mesmo é “o pão que desce do céu” como presente de Deus à humanidade (Jo 6,26-50). E, no fim de seu discurso, explicou um sentido mais profundo ainda desse mesmo “sinal”: o sentido que celebra-

mos na eucaristia (6,51-58). Depois de ter explicado ser o verdadeiro maná (cf. I leitura), Jesus pede que também seja tomado como alimento, em todos os sentidos: não só como alimento espiritual (alimentar-se de sua palavra, de seu mandamento e do exemplo de sua vida), mas também como alimento físico, no gesto sacramental. (No texto grego de Jo 6,54 está que devemos “mastigar” sua carne e beber seu sangue. Maior realismo dificilmente se imagina!)

Esse ensinamento, só podem entendê-lo os que têm o Espírito (6,63), os que receberam o “prometido” da Última Ceia e continuaram celebrando essa ceia como realização da ordem que Cristo nos legou. Alimentamo-nos de Cristo não somente escutando sua palavra, mas recebendo o dom de sua “carne” (= vida humana) e “sangue” (= morte violenta) dados “para a vida do mundo” (v. 51). Tomando o pão e o vinho da eucaristia, recebemos Jesus como verdadeiro alimento e bebida. *A sua vida, dada para a vida do mundo, até a efusão de seu sangue, torna-se nossa vida, para a eternidade.*

Esse texto é, portanto, o ensinamento eucarístico de João. Não se encontra no contexto da Última Ceia, como nos evangelhos sinóticos, mas no contexto da multiplicação do pão. Esse contexto permite mostrar melhor, por contraste, o sentido profundo, “espiritual”, que Jesus quer revelar pelo “sinal do pão”. Se, para os judeus, que pensam no maná mediado por Moisés, o “pão do céu” significa um alimento material (Jo 6,30-34), para Jesus, significa o dom de Deus que desce do céu e é ele mesmo, em pessoa (6,35-50), especialmente no dom do céu que é “sua carne” (= existência humana) para a vida do mundo” (6,51; cf. a fórmula paulina da instituição da eucaristia: “meu corpo por vós” [1Cor 11,23]). Graças a esse dom, podemos ter em nós a vida que ele nos traz, a vida que não é deste mundo, mas de Deus mesmo, a vida eterna (literalmente: “a vida do século



[vindouro]”). Devemos assimilar em nós a existência de Cristo por nós, sua “pró-existência” (existência para os outros). Essa assimilação se dá pela fé, pela adesão existencial, pela qual reconhecemos a verdade de Jesus e conformamos nossa vida com a sua. O sinal sagrado, o sacramento disso, é: comer realmente o pão que é sua “carne” e beber o vinho que é seu sangue. A “carne” é a existência humana, carnal, mortal; o sangue é a vida derramada na morte violenta. É isso que devemos assimilar em nós pelos sinais sagrados. A essas realidades devemos aderir na fé assinalada pelo sacramento. Devemos “engolir” Jesus bem assim como ele foi: dado radicalmente, até a morte sangrenta. Realizando autenticamente esse sinal, teremos a vida divina que ele nos comunica.

III. Dicas para reflexão: Eucaristia e comunhão

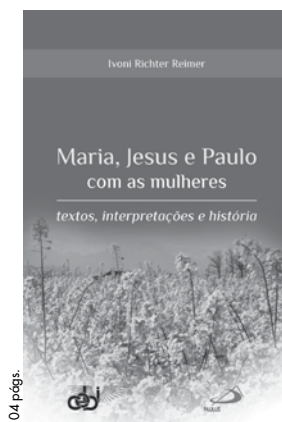
Depois da multiplicação dos pães, Jesus deu a entender que ele mesmo é “o pão que desce do céu” como um presente de Deus à humanidade. No fim dessa explicação, eclo-de o sentido mais profundo do “sinal”, o sentido que celebramos na eucaristia.

Celebrar é tornar presente. Receber o pão e o vinho da eucaristia significa assumir em nós mesmos a vida a todos nós dada por Jesus até morrer, em corpo e sangue. Significa “comunhão” com essa vida, viver do mesmo jeito. E significa também comunhão com os irmãos, pelos quais Cristo morreu (“um só pão”, como diz a II leitura).

Na oração eucarística celebrada no contexto da fé, quando o sacerdote invoca o Espírito Santo e pronuncia sobre o pão e o vinho as palavras de Jesus na Última Ceia, Jesus se torna presente, dando-nos seu corpo e sangue, sua vida dada em amor até o fim. Quando então recebemos o pão e o vinho, entramos em comunhão com a vida, a morte e a glória eterna de Jesus e também com os nossos ir-

Maria, Jesus e Paulo com as mulheres **Textos, interpretações e histórias**

Ivoni Richter Reimer



Este livro tem Maria, Jesus, Paulo e muitas mulheres como protagonistas de histórias de libertação num contexto de opressões múltiplas. Maria é referencial de fé e modelo de vida.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagem meramente ilustrativa.



mãos, que participam da mesma comunhão.

Na eucaristia, torna-se presente o dom da vida de Cristo para nós. Mas a eucaristia se torna fecunda apenas pelo dom de nossa própria vida, na caridade e solidariedade radical. Para que o pão eucarístico realize a plenitude de seu sentido, é preciso resgatar o pão cotidiano da “hipoteca social” que o torna sinal de conflito, de exploração, de desigualdade, de “anticomunhão”. Quando, ao contrário, o pão cotidiano significar espontaneamente comunhão humana, e não suor e exploração, o sentido de comunhão do pão eucarístico será mais real. Por isso, antes de falar da eucaristia, Jesus providenciou o pão comum...

12º DOMINGO DO TEMPO COMUM

22 de junho

Da Redação

Proclamar a fé sem medo

I. Introdução geral

Para ser povo sacerdotal e profético (tema do 11º domingo comum, não celebrado neste ano), a Igreja e seus membros deverão enfrentar a sorte dos profetas. Morrer e ser rejeitado por seus próprios destinatários é uma constante na vida dos profetas. É o que ocorreu a Jeremias, embora tivesse certeza de que, em última instância, Deus estava com ele (I leitura; o salmo tem o mesmo sentido). A Igreja conhecerá abalos e perseguições, mas não deverá ter medo; é preciso confiar em Deus. É um tema preferido de Mateus, que forma a moldura de seu evangelho: “Emanuel, Deus conosco” (1,23); “Estarei convosco até o fim do mundo” (28,20). Quando a Igreja cumprir sua missão profética, não deverá recear os que matam o corpo, pois Deus cuida até de um par de par-

dais (evangelho). Daí as admoestações de Cristo no Sermão Missionário para não temer os homens (Mt 10). Quem se solidariza com Cristo, Cristo se solidariza com ele.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Jr 20,10-13): A força do profeta perseguido

A situação vivida por Jeremias não tem comparação com a dos demais profetas por sua dramaticidade. Foi o profeta que mais intensamente experimentou a rejeição e a perseguição. Foi chamado a profetizar num período particularmente crítico, às vésperas da ruína do reino de Judá, no século VI a.C. Caçado por seus perseguidores, preso, maltratado, sua tarefa consistia em “arrancar e destruir, exterminar e demolir, construir e plantar” (1,10), e isso contra sua própria gente, seus conterrâneos.

Sua mensagem demolidora contra as instituições do tempo provoca-lhe uma série de ameaças, calúnias, processos e perseguição. Ele anuncia “o terror de todos os lados”, que culminaria na deportação e exílio em Babilônia. Seus adversários, já não suportando o refrão, devolvem-lhe a moeda, acusando-o de terrorista, e, aos cochichos, tramam denúncias (v. 10a). Até os amigos do profeta foram subornados e procuram armar-lhe ciladas, para ver se deixa seduzir-se, se cai na armadilha, a fim de se desferrarem dele (v. 10b). Jeremias está com seu espaço vital minado. Não se sabe exatamente em que consistiam essas ciladas. Mas pela confiança que ele deposita em Deus – e pela forma como exprime essa confiança –, podemos captar a ação dos inimigos do profeta: fazem-lhe violência física para eliminá-lo (atentados, emboscadas) e procuram arrastá-lo ao tribunal para, mediante falsas acusações, condená-lo à morte.

De fato, a confiança do profeta perseguido repousa em Javé, que o protege, “como valente



guerreiro” (v. 11a), da violência física. Javé é o guarda-costas do profeta. Examinando o justo, sondando-lhe os rins e o coração (v. 12a), Javé desmascara as falsas acusações contra Jeremias. Javé, portanto, é guarda-costas e advogado de defesa do profeta. Isso não quer dizer que o conflito teria sido eliminado; pelo contrário, existe com toda a violência de que é capaz. Porém, o profeta perseguido já vive na certeza da libertação: Deus já salvou! Sua luta não é estéril: Deus é o guarda-costas e o juiz!

2. Evangelho (Mt 10,26-33): Confiança e fidelidade na perseguição

Jesus enviou seus discípulos para anunciar e implantar o Reino de Deus (cf. evangelho do 11º domingo comum). No evangelho de hoje, ensina-lhes a firmeza profética. Ensina-os a não ter medo daqueles que matam o corpo e a viver a confiança em Deus acima de tudo.

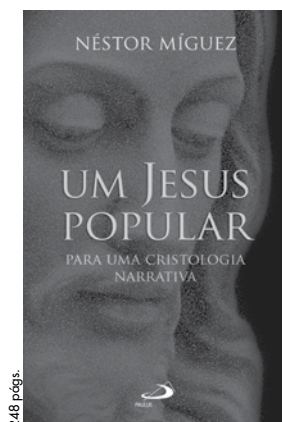
O Evangelho de Mateus nasceu de uma comunidade que já havia experimentado a violência da perseguição por causa de Jesus. Para os primeiros cristãos, a perseguição entrava na lógica do anúncio evangélico: aconteceu assim com Jesus, assim acontecerá com os que lhe forem fiéis. Contudo, os cristãos se perguntavam: não existe outra forma de viver o evangelho sem passar pela perseguição? Até que ponto o testemunho cristão tem de passar necessariamente pela rejeição, enfrentando a violência? Como se posicionar diante da morte violenta? Onde está Deus nessa situação?

Essas perguntas estão por trás do capítulo 10 de Mateus – ao qual nosso texto pertence –, que trata da missão da comunidade cristã diante dos conflitos e perseguições por causa do testemunho. Os colaboradores para a justiça do Reino enfrentam as mesmas rejeições enfrentadas pelo Mestre da Justiça.

A expressão “Não tenham medo” aparece três vezes no texto (vv. 26.28.31). É, portanto, uma espécie de refrão, marcando com força a ideia de que é preciso ter coragem. O v.

Um Jesus popular Para uma Cristologia narrativa

Néstor Míguez



A obra utiliza um estilo narrativo para retratar a vida de Jesus, com base na teologia e ciência bíblica, nos aproximando mais do relato do que da erudição filosófica.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ilustração: Renata de Almeida



28 mostra a quem a comunidade deve temer. Mas *temer* aí significa *obedecer*. Sabemos de que medo se trata: é o medo das consequências que a prática de Jesus suscita – hostilidades, perseguições, sentenças sumárias e morte. Esse medo tinha levado alguns da comunidade a buscar uma forma alternativa de testemunho, contornando os conflitos e perseguições, dando à religião um caráter intimista, de sacristia. Jesus garante que não deve ser assim; pelo contrário, “o que está encoberto será descoberto, e o que está escondido será revelado” (v. 26). Em outras palavras, aquelas intuições nascidas da prática de Jesus precisam ser levadas às últimas consequências, sem fugir delas. Essas intuições desmascaram os sistemas encobertos que promovem a morte. A luta pela justiça do Reino esbarra na resistência dos que não querem mudanças sociais. Foi assim com Jesus. Por que não o será com os discípulos dele?

Declarar-se a favor de Jesus é superar o medo e enfrentar inclusive a morte. O contexto desses versículos recorda os processos contra os cristãos nos tribunais. Para os primeiros cristãos, o martírio era o momento solene em que podiam proclamar, antes de serem executados, qual razão animava sua vida. Por causa dessa razão, perdiam a vida, sem que ninguém os defendesse. Contudo, o contexto desses versículos recorda outro processo, diante de Deus. Aí, os que confessam Jesus o terão por advogado diante do Pai. O cristão que se declara solidário com Jesus e seu projeto já tem Jesus a seu favor, declarando-se solidário com quem o confessa.

Segundo esses versículos, portanto, podemos entender qual o sentido da morte para o cristão. Ela tem sentido enquanto solidariedade com Jesus e seu projeto. E essa solidariedade é imediatamente envolvida pela solidariedade de Jesus, o vencedor da morte e comunicador da vida. Essa certeza capacita o cristão para o testemunho de Jesus. Resta, contudo, um desafio: aceitar a proposta, com suas con-

sequências, ou rejeitá-la. Ser ou não ser solidário com Jesus. Ser ou não ser cristão!

3. II leitura (Rm 5,12-15): Com Jesus, passamos da morte à vida

No texto de hoje, são Paulo põe em contraste duas figuras, que representam duas opções de vida diferentes, com consequências contrastantes. Essas figuras são Adão e Jesus Cristo. Adão, o homem velho, por meio do qual o pecado entrou no mundo, trazendo como consequência a morte, contrasta com Jesus Cristo, o homem novo, mediante o qual a graça de Deus se torna presente no mundo, trazendo como consequência a vida em plenitude.

A humanidade inteira é solidária de Adão, no sentido de que todos pecam, sem poder se salvar por conta própria. Mais ainda: cada um de nós é Adão.

Jesus, com sua morte e ressurreição, rompeu o círculo fechado do pecado, salvando-nos por sua misericórdia e poder. É solidário conosco por causa de nossa incapacidade de salvar-nos.

O pecado estraga o mundo e a vida, mas a graça de Deus supera tudo isso. A misericórdia de Deus se manifesta no fato de quebrar o círculo vicioso do pecado, que gera sempre novas mortes, para introduzir a humanidade na esfera da graça e da vida. É assim que Paulo sintetiza o projeto de Deus realizado em Cristo Jesus.

III. Pistas para reflexão

O tema fundamental deste domingo é o reconhecimento e gratidão pela graça de Deus, manifestada nos profetas e, sobretudo, em Jesus Cristo. Esse reconhecimento nos leva à convicção e à coragem de professar a fé, apesar das ameaças, do escárnio ou do pouco caso que esse testemunho encontre. Em que pesem as dificuldades e perseguições, sabemos que Deus está conosco.



Testemunhar Cristo significa testemunhar a Justiça. Na sociedade atual significa ser contra os que fazem do lucro e do poder seus ídolos; significa não ceder a esses ídolos. Pelo reconhecimento da graça de Deus e por sua profissão de fé, o cristão se empenha para que a graça se encarne no mundo e supere as estruturas de pecado que promovem injustiças e desgraças e trazem sofrimento para a humanidade.

SÃO PEDRO E SÃO PAULO

29 de junho

Por Aíla Luzia Pinheiro Andrade

Combateram o bom combate

I. Introdução geral

A Igreja celebra o martírio de Pedro e de Paulo na mesma data porque eles estiveram unidos no mesmo propósito: seguir Jesus até a morte. Ambos são alicerces vivos do edifício espiritual que é a Igreja. Pedro evangelizou os judeus, Paulo fez a mensagem de Jesus chegar às demais nações. A incessante pregação de ambos foi fecundada com o martírio. Eles deram provas de até que ponto pode ir o ser humano quando elege o projeto de Deus como opção de vida. Não foram pessoas apenas de palavras, mas testemunhas de que a fé remove as montanhas do egoísmo. O modo como viveram e como morreram questiona o comodismo de nossa fé.

II. Comentário Dos Textos Bíblicos

1. Evangelho (Mt 16,13-19): As portas do inferno não vencerão

No evangelho de hoje, Jesus faz duas perguntas aos discípulos. Na primeira, ele quer

Ajudai a minha descrença

William J. O'Malley



Nossa sociedade desafia os que creem com uma nova forma de ateísmo. O livro fala sobre a necessidade de certeza, a virtude da dúvida, a Igreja, dentre outros temas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagem meramente ilustrativa.



saber o que as pessoas em geral estão dizendo a respeito dele e, na segunda, o que os discípulos pensam sobre ele.

Com essas perguntas, pode parecer que Jesus está fazendo uma pesquisa, para ver se a mensagem dele está agradando ao público ou se ele terá de mudar alguma coisa que aumente o índice de audiência. Na verdade, Jesus está ocupado em construir, na consciência coletiva, a identidade dele, ou seja, quer estabelecer exata compreensão a respeito do Messias e, além disso, mostrar que tipo de Messias ele é. Jesus faz essas perguntas aos discípulos porque sabe que da correta assimilação de sua identidade depende a correta compreensão de sua mensagem. Se alguém entende de forma errada quem é Jesus, compreenderá erroneamente a sua mensagem e terá uma práxis totalmente diferente daquela que ele espera.

Na resposta dos discípulos à primeira pergunta são explicitadas as diversas esperanças messiânicas de Israel.

Pedro toma a iniciativa para responder à pergunta feita aos discípulos sobre a identidade de Jesus. Mas é a comunidade dos discípulos, representada por Pedro, quem diz corretamente quem é Jesus e qual sua missão. A resposta da comunidade representada por Pedro é uma profissão de fé no “Cristo, Filho do Deus vivo”.

Essa profissão de fé não é fruto da lógica e do esforço humano, mas é revelação divina, pois quem o revela à comunidade é o próprio Pai, que está no céu. Foi a abertura da comunidade à revelação divina que possibilitou reconhecer o Cristo e confessar a fé nele. E é sobre a fé confessada no Cristo, Filho do Deus vivo, que a Igreja é edificada. A expressão “esta pedra” refere-se à confissão de fé e é um trocadilho com a palavra “Pedro”, por cujos lábios ela é pronunciada. O fundamento da Igreja é Jesus, pedra angular (Mt 21,42), confessado Messias/Cristo pela comunidade de seus seguidores.

Porque a comunidade dos seguidores confessou a verdadeira identidade de Jesus como Messias/Cristo, pedra angular ou fundamento, ela recebeu “as chaves do reino” (e não da Igreja). O termo “chaves” significa ter acesso e, nesse caso, remete a Is 22,22. Então, é tarefa da Igreja cuidar da obra divina, não como um proprietário – pois o Reino é de Deus –, mas como um mordomo ou despenseiro que cuida da casa de seu verdadeiro senhor, ao qual prestará contas de seu serviço. E cuidar do Reino significa fazer que ele cresça neste mundo.

Então a principal tarefa da comunidade dos discípulos de Jesus, a Igreja, é proporcionar o avanço do Reino dos céus (ou de Deus). Esse avanço significa uma ofensiva contra tudo o que se constitui em antirreino (representado pelo termo “inferno”). “As portas”, naquela época como hoje, significavam o poder de defesa. Uma cidade (muralha) com portas resistentes tinha grande poder de defesa numa batalha. “As portas do inferno não resistirão” significa que a comunidade dos discípulos de Jesus faz o Reino avançar contra o antirreino (o inferno), e, por mais fortes que sejam os poderes de defesa (as portas) do inferno, não conseguirão resistir por muito tempo e por fim o Reino vencerá e será instaurado plenamente. As portas do antirreino cairão.

Em função do avanço do reino, uma das tarefas da Igreja é “ligar ou desligar”, mas isso não diz respeito a uma autoridade soberana do líder da Igreja. O sentido de “ligar ou desligar” diz respeito ao âmbito da comunhão entre o fiel e a comunidade, ou melhor, ao sacramento da reconciliação. É precisamente no âmbito do ministério da reconciliação que a Igreja exerce a tarefa de excluir oficialmente um membro da comunhão plena ou readmiti-lo (reconciliá-lo), uma vez cumpridas certas condições.

Assim, “ligar” significa “algemar” alguém, ou seja, deixá-lo preso ao pecado; e “desligar”



significa romper os laços com que o pecado escraviza o ser humano, readmitindo o pecador arrependido à comunidade salvífica.

Desse modo, “ligar ou desligar” significa fundamentalmente a faculdade de perdoar os pecados, reconciliando o pecador com Deus, mediante a visibilidade do sacramento, e impondo-lhes condições e obrigações que sejam o sinal da verdadeira conversão.

2. I leitura (At 12,1-11): Foi lançado na prisão

Na primeira leitura, Pedro é envolvido no mesmo destino de Jesus, primeiramente porque foi preso na festa dos pães sem fermento (a Páscoa). Além disso, o texto começa com a decisão do rei Herodes de tentar destruir a Igreja, prendendo e matando seus líderes. O rei deseja remover os pilares da casa para fazer a construção inteira ruir. A prisão de Pedro não é um fato isolado – na mesma época, Tiago (filho de Zebedeu) foi martirizado. O governante condena pessoas inocentes para garantir a própria popularidade, algo semelhante ao que foi feito a Jesus.

Os detalhes sobre como Pedro estava sendo guardado pelos soldados romanos querem apenas assegurar que uma fuga seria impossível. Enquanto Pedro estava preso, a Igreja reunida orava incessantemente, solidarizando-se com a situação dele, pois constituíam um só corpo no Senhor. E ao fervor da oração Deus respondeu com a libertação. Na noite anterior ao dia em que Herodes apresentaria Pedro ao sinédrio para ser condenado, Deus agiu em resposta à oração da Igreja.

O texto enfatiza que Pedro dormia enquanto esperava o próprio julgamento e condenação. Ele teve dificuldade para saber se o que estava acontecendo era real, o que significa que não esperava a libertação. E se mesmo assim conseguia dormir, era porque confiava plenamente em Deus e estava preparado para morrer por sua fé. Enquanto Pedro

CD Cantando louvor a Maria As mais belas canções marianas

PAULUS Música



A emoção está de volta! Este CD resgata a memória da nossa tradição mariana, tão presente em nossas comunidades e nas músicas que afirmam a nossa devoção.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Ilustrações: Simeon Mendes



está sendo libertado, o texto faz questão de ressaltar novamente que a prisão era de segurança máxima e que, apesar de todas as precauções, Herodes não conseguiu o seu intento de destruir a Igreja.

3. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18): Terminei minha carreira, guardei a fé

O texto da segunda leitura se refere ao momento em que Paulo estava preso e pensava que seria condenado à morte. Suas palavras não revelam nenhuma amargura, mas a serenidade de quem se abandonou nas mãos de Deus. O apóstolo estava pronto para ser imolado, isto é, estava à disposição para ser morto por causa do evangelho. Além disso, considera que a morte por causa do evangelho é aceita por Deus como verdadeira oferta ou sacrifício.

A vida do cristão é comparada a uma batalha e a um esporte de olimpíada: “Combati o bom combate, terminei minha carreira” (v. 7), mas em tudo a fé saiu vitoriosa; faltava apenas subir ao pódio e receber a coroa de louros que confirmava a vitória. Isso significa que o apóstolo sabe que Deus não deixará sua morte sem resposta; a última palavra não é da morte, mas de Deus, que dá vida plena aos que nele se abandonam. A ressurreição não significa um prêmio, mas sim que Deus partilha a vida que lhe é própria (eterna) com aqueles que lhe doaram a vida humana e efêmera. A ressurreição é grande dom de Deus e

não simples troca de uma vida por outra; a vida que doamos a Deus em nada se compara à vida eterna que ele gratuitamente nos dá. Por isso não é um prêmio. A coroação de que o apóstolo fala significa que a última ação é de Deus, e não do carrasco.

III. Pistas para reflexão

- As prisões dos dois apóstolos atestam que somente é verdadeiro discípulo de Cristo quem por ele enfrenta perseguições e martírios, mantendo a fé/fidelidade. Os exemplos de Pedro e Paulo mostram que a Igreja não é edificada sobre homens, mas sobre a confissão de fé no Cristo ressuscitado e ressuscitador. Tal confissão de fé não é apenas um discurso de belas palavras, mas testemunho de vivência da fidelidade a Deus custe o que custar, mesmo que seja a própria vida. Muitas pessoas se orgulham de que Cristo tenha entregado as chaves do Reino para Pedro e não se lembram de que as chaves significam serviço. Outras pessoas se ufam de que Pedro tenha recebido a missão de “ligar e desligar” e não sabem que o objetivo disso é manter a Igreja numa fé autêntica e operante no mundo.

- É oportuno que o presidente da celebração evite aumentar o orgulho de ser católico e destaque a humildade de ser cristão, pois foi isto que Cristo nos ensinou. Também deve ficar claro, mesmo quando Pedro é o padroeiro do lugar, que a festa é também de São Paulo. Ambos são as duas colunas principais da Igreja. ●

Conheça nossa página na internet
vidapastoral.com.br



Conheça alguns títulos da

Coleção Patrística,

entre em contato direto com os textos escritos pelos "Pais da Igreja"!



Patrística - Vol. 01

Clemente Romano | Inácio de Antioquia | Policarpo de Esmirna | O pastor de Hermas | Carta de Barnabé | Pápias | Didaqué
Padres Apostólicos - 368 págs.

Patrística - Vol. 07 - A Trindade

Santo Agostinho - 736 págs.

Patrística - Vol. 08 - O Livre-Arbítrio

Santo Agostinho - 302 págs.

Patrística - Vol. 17

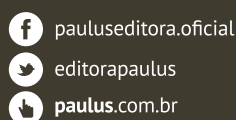
Manual de exegese e formação cristã
Santo Agostinho - 288 págs.

Patrística - Vol. 18

Contra os pagãos | A encarnação do Verbo | Apologia ao imperador Constantino | Apologia de sua fuga | Vida e conduta de S. Antão
Santo Atanásio - 376 págs.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



PAULUS

“Uma **boa mãe** é um grande **tesouro** numa casa.”

Bem-Aventurado Tiago Alberione



244 págs.

Maria tão plena de Deus e tão nossa

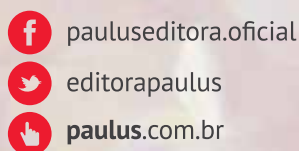
Kathleen Coyle

A história não tem registro de Maria de Nazaré, exceto pelos documentos de fé e breves relatos. Este livro traz importante pesquisa a respeito dessa mulher, cujo culto aquece a imaginação religiosa de milhares de cristãos.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



PAULUS